



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANS, LETRAS E ARTES
PGLE- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E
ENSINO
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA E ENSINO

DO GÊNERO PROVÉRBIO AO VERBETE: uma produção interacionista
sócio-discursiva na Educação de Jovens e Adultos

Ana Lidia Freire Matias

**JOÃO PESSOA, PB
2014**

Ana Lidia Freire Matias

**DO GÊNERO PROVÉRBIO AO VERBETE: uma produção interacionista
sócio-discursiva na Educação de Jovens e Adultos**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Linguística e Ensino, na linha de pesquisa: Estrutura e dinâmica da língua em atividades de aprendizagem.

Orientadora: Dr. Regina Celi Mendes Pereira

JOÃO PESSOA, PB

2014

M433d Matias, Ana Lidia Freire.

Do gênero provérbio ao verbete: uma produção
interacionista sócio-discursiva na Educação de Jovens e
Adultos / Ana Lidia Freire Matias. - João Pessoa, 2014.

137f.: il.

Orientadora: Regina Celi Mendes Pereira

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Linguística. 2. Linguística e ensino. 3. Educação de
Jovens e Adultos. 4. Provérbio. 5. Verbete. 6. Interacionismo
sócio-discursivo.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

Ana Lidia Freire Matias

**Do gênero provérbio ao verbete: uma produção
interacionista sócio-discursiva na Educação de
Jovens e Adultos**

Trabalho aprovado em 25/novembro/2014

BANCA EXAMINADORA

Regina Celi M. Pereira

Prof. Dr. Regina Celi Mendes Pereira (Examinador interno)

Mônica Mano Trindade Ferraz

Prof. Dr. Mônica Mano Trindade Ferraz (Examinador externo)

Raquel Basílio Melo

Prof. Dr. Raquel Basílio (Examinador externo)

JOÃO PESSOA- PB

2014

DEDICATÓRIA

Ao meu Mestre, quem possui todo o conhecimento, àquele que sabe todas as coisas, a Ele, meu Deus, sempre presente em todos os momentos do meu viver. Obrigada, Senhor, pela força que me deste para concluir este mestrado.

Aos meus pais, que me proporcionaram meus estudos desde os primeiros rabiscos e letras.

Aos meus irmãos, Karina e Rodrigo, que sempre estão torcendo por mim. A toda minha família, em especial, minha tia Vitória, pelo apoio dado para a efetivação dos meus estudos, na minha transferência acadêmica de Brasília para João Pessoa.

A todas as minhas amigas que estiveram “ao meu lado”, mesmo que eu os tenha deixado “de lado” durante a elaboração desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a minha orientadora, professora Regina Celi. Graças a sua parceria, pude vivenciar o aprofundamento dos meus conhecimentos durante todo o processo de pesquisa acadêmica.

Aos meus alunos jovens e adultos, com os quais trabalho com profundo prazer, muito obrigada pela existência de cada um!

Agradeço a professora Mônica e ao professor Erivaldo pelas contribuições que fizeram na qualificação, para o aperfeiçoamento do meu trabalho.

A todos os professores que fizeram parte do meu histórico, em cada degrau da minha vida escolar.

Ao meu amigo Walberto Barbosa, pelo seu apoio de sempre na minha jornada acadêmica.

À Márcia Ozinete, pelas primeiras conversas sobre meus objetivos de pesquisa e pelo seu olhar carinhoso na conclusão do meu trabalho.

À minha colega de turma, Salete, que juntas batalhávamos pela obtenção do grau de mestra, por toda sua atenção, sabedoria e conhecimento. Fizemos amigos nessa jornada.

À minha diretora Fátima Urbano por todo o apoio ao meu trabalho, bem como a diretora geral, Mirtes por acreditar na realização dessa pesquisa.

Enfim, às minhas companheiras de trabalho, pela força com que me motivaram para a conclusão desta dissertação.

“É melhor obter sabedoria do que ouro!
É melhor obter entendimento do que prata!”
Provérbio bíblico.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca da importância da utilização de gêneros textuais no ensino-aprendizagem de jovens e adultos, com uma abordagem respaldada no interacionismo sócio-discursivo. A opção pelo uso do gênero provérbio deveu-se à importância da valorização da cultura popular como forma de construir e avançar em novos conhecimentos, como Paulo Freire acreditava. Tivemos a finalidade de acrescentar mais uma reflexão sobre a prática de ensino na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Esse trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa-ação de caráter qualitativo-interpretativista que objetivou apresentar reflexões acerca das possíveis contribuições do ISD, a partir da proposta de sequência didática. Com essa observação de natureza aplicada e intervencionista, promovemos a instrumentalização dos nossos alunos, no sentido de que possam atuar como produtores de textos competentes, a partir de uma proposta de ensino que considere o contexto situacional do gênero oral provérbio, bem como valorize a produção textual e suas características linguístico-discursivas, por meio da escrita e reescrita. A pesquisa foi realizada no ciclo II da EJA, na Escola Municipal Major José de Barros Moreira, na cidade de João Pessoa, PB. Os procedimentos metodológicos utilizados envolveram a observação participante com gravação em áudio e registros das atividades dos alunos, por meio de uma sequência didática (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). O corpus é constituído pela transcrição da gravação de algumas aulas, em que os alunos discutiram alguns provérbios populares e pelas produções textuais dos alunos. A análise ocorreu após a observação nas aulas, através dos áudios com discussão dos alunos sobre os provérbios populares e as produções escritas. Assim, comparamos com nossa fundamentação e identificamos que as produções escritas podem ser beneficiadas a partir da leitura de mundo que os alunos realizam no cotidiano deles. Obtivemos como resultado desse trabalho, que a princípio se tratava da leitura e interpretação de provérbios, a produção de verbetes e de um livro elaborado pelos alunos, como suporte desses verbetes. Pudemos observar que as atividades de escrita e reescrita dos verbetes resultaram no desenvolvimento das capacidades linguísticas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos- - Provérbio- Verbete- Interacionismo Socio-discursivo.

ABSTRACT

This paper presents a reflection on the importance of using text genres in the teaching of young people and adults, with a supported approach in the socio-discursive interactionism. The option to use the saying gender was due to the importance of valuing popular culture as a way to build and improve in new knowledge, as Paulo Freire believed. We had intended to add one more reflection on teaching practice in adult education (Youth and Adult Education). This paper presents the results of a qualitative-interpretative character of action research that aims to present reflections on the possible contributions of ISD, from the didactic sequence proposed. With this observation applied and interventionist nature, promote the exploitation of our students, in the sense that they can act as producers of relevant texts, from a teaching proposal that considers the situational context of oral saying genre and enhances the textual production and their linguistic and discursive features, through writing and rewriting. The survey was conducted in the cycle II of AYE, at the Municipal School Major José de Barros Moreira, in the city of João Pessoa, PB. The methodological procedures used involved participant observation with audio recording and records the activities of students through a teaching sequence (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). The corpus consists of the transcript of the recording a few classes, where students discussed some popular sayings and the textual productions of the students. The analysis occurred after observation in the classroom, through audio discussion with students about proverbs and written productions. Thus, these results were compared with our theoretical framework and it was identified that the written productions can be beneficial from the world of reading that students undertake in their daily lives. The results of this work were the reading and interpretation of proverbs, entries production and a book prepared by the students, to support these entries. It was observed that the writing activities and rewriting of entries resulted in the development of language skills.

Keywords: Youth and Adult Education, Sayings, Entry, Sociodiscursive Interactionism.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO I - O QUE É MESMO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS? | 15 |
| 1.1 BREVE REFLEXÃO SOBRE A HISTORICIDADE E BASES LEGAIS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS | 15 |
| 1.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS | 20 |
| 1.3 PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA EJA..... | 23 |
| 1.4 EJA: POR UMA EDUCAÇÃO CONSCIENTIZADORA..... | 27 |
| CAPÍTULO II GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA E ISD | 32 |
| 2.1 CONCEITUANDO GÊNEROS TEXTUAIS | 32 |
| 2.2 GÊNERO PROVÉRBIO..... | 36 |
| 2.3 GÊNERO VERBETE | 39 |
| 2.4 ISD NO CONTEXTO DA EJA..... | 41 |
| 2.4.1 FUNDAMENTOS DO ISD | 41 |
| 2.5 AS CAPACIDADES DE LINGUAGEM..... | 44 |
| CAPÍTULO III ASPECTOS METODOLOGICOS | 47 |
| 3.1 CONTEXTO DA PESQUISA | 47 |
| 3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA..... | 47 |
| 3.3 SUJEITOS DA PESQUISA..... | 49 |
| 3.4 A DELIMITAÇÃO DO CORPUS | 49 |
| 3.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 50 |
| 3.6 A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA | 53 |
| 3.7 RESULTADOS OBTIDOS | 61 |
| 3.8 ANALISANDO ÁUDIOS COM DISCUSSÕES DOS ALUNOS SOBRE OS PROVÉRBIOS..... | 62 |
| 3.9 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DA EJA..... | 68 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 84 |
| REFERÊNCIAS..... | 87 |

| | |
|-------------------------|------------|
| APÉNDICES | 92 |
| APÉNDICE A | 93 |
| APÉNDICE B | 98 |
| APÉNDICE C | 99 |
| APÉNDICE D | 101 |
| APÉNDICE E | 103 |
| APÉNDICE F | 109 |
| APÉNDICE G | 110 |
| ANEXOS | 112 |

INTRODUÇÃO

A escolha do tema “cultura popular” e sua relação com a diversidade textual deu-se baseada na dificuldade que encontramos na nossa prática docente ao trabalhar a aprendizagem da leitura e escrita dos alunos inseridos na Educação de Jovens e Adultos. Minha vivência como professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) deu-se após a experiência como bolsista do projeto “Escola É Pra Gente Grande”, do programa Brasil Alfabetizado e do projeto Zé-Peão, aulas para alunos da construção civil de João Pessoa, projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba, que me possibilitou a escolha na área de Educação de Adultos. Participei desses dois projetos durante a minha formação em pedagogia. Após alguns anos, tive a oportunidade de ser professora da EJA na escola Major José de Barros Moreira.

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) geralmente esperam uma escola tradicional, “voltada para o b+a= BA”. Esse pensamento dos alunos muitas vezes consiste num problema para o educador que entende que a aprendizagem em linguagem vai além do processo de alfabetização mecânica, indo na busca do letramento e autonomia dos alunos, que significa “ler além”, saber interpretar diversos textos e desenvolver a criticidade diante deles. Falar em EJA é citar o renomado teórico Paulo Freire, que tem na sua teoria a defesa da habilidade dos jovens e adultos de pensar criticamente sobre sua situação educacional; reconhecendo conexões entre suas experiências individuais e o contexto social em que estão imersos e, por conseguinte vivenciar uma práxis, a qual envolve engajamento no ciclo de teoria, aplicação, avaliação, reflexão e volta à teoria, pois transformação social é o produto da práxis em nível coletivo.

A proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos sugere que as atividades de análise linguística estejam voltadas para a reflexão sobre a produção do texto, ajudando os alunos a melhorarem cada vez mais na leitura e escrita, uma vez que os objetivos da área de Linguagem estão prioritariamente voltados para o aperfeiçoamento da comunicação.

O aluno da EJA já possui um relativo conhecimento de vida, o que sugere relacionarmos o saber popular com o erudito, ao avançarmos na aquisição de novos conhecimentos. A nossa proposta é possibilitar que os alunos, na busca contínua de

formá-los cidadãos, leiam e interpretem diversos textos, tendo como base a diversidade cultural, para que, dessa forma, possam se desenvolver na leitura, interpretação e produção textual, melhorando, assim, sua aprendizagem.

Nosso trabalho na turma da EJA, ciclo II, da Escola José de Barros Moreira, visou preparar o aluno para adquirir a tão necessária segurança de que precisa para dar continuidade ao trabalho por nós iniciado, por meio da leitura e interpretação de provérbios, na forma escrita dos verbetes. Almejamos com esse projeto, valorizar nossos alunos, alguns deles com baixa autoestima, mas capazes de transformar a sociedade em que estamos inseridos.

A pesquisa teve o objetivo de analisar os impactos do uso de um gênero oral, como provérbio, no ensino-aprendizagem dos alunos de EJA, por meio do desenvolvimento de uma sequência didática que possibilitasse o desenvolvimento da escrita.

Objetivamos, especificamente, levar o aluno a pesquisar e compreender a funcionalidade dos gêneros “provérbio” e “verbete”; valorizando o conhecimento comum como ponto de partida para novas aprendizagens; investigar como a realidade dos alunos interfere no processo de aprendizagem da linguagem; observar se a cultura popular beneficia o letramento dos alunos da EJA; observar que impactos são causados no letramento dos nossos alunos; investigar o avanço dos alunos entre a primeira e a última produção escrita.

Essa pesquisa qualitativa caracteriza-se quanto ao objeto, como uma pesquisa de campo, pois a pesquisa teve a pesquisadora coletando os dados e investigando os alunos no próprio meio de trabalho. Trata-se de uma pesquisa explicativa, pois tentamos avaliar se os alunos aprendem a partir de sua realidade, como diria Freire. E já quanto aos objetivos trata-se de uma pesquisa prática ou pesquisa-ação, onde tivemos a intervenção na realidade desses alunos, através da interação pesquisadora-pesquisados, na busca da resolução de problemas de aprendizagem.

Paulo Freire sugere que a aprendizagem aconteça a partir da realidade dos alunos para avançar em novas aprendizagens. Nesse sentido, selecionamos o gênero “provérbio popular”, conhecido oralmente pelos nossos alunos, como elemento de diálogo com esse conhecimento cultural já apropriado por esses alunos. Cabe aos educadores de Jovens e Adultos promoverem uma aprendizagem significativa a partir de tal conhecimento popular.

Gadotti (2011), que conviveu com Freire e defende hoje sua teoria, diz que os educadores precisam respeitar as condições culturais dos jovens e adultos, fazendo um diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular. Vimos a possibilidade de resgate do conhecimento comum e desenvolvimento no conhecimento erudito.

Sendo assim, o trabalho com o gênero provérbio possibilita uma releitura de tais produções construídas socialmente, ao analisarmos os aspectos linguísticos, sob a ótica do Interacionismo Sócio-discursivo, e favorece a compreensão e valorização da cultura dos educandos jovens e adultos.

Temos como asserção geral de que a didatização do gênero provérbio popular e verbete se beneficia das contribuições do Interacionismo Sócio-discursivo de modo a operar mudanças significativas na modalidade de educação de jovens e adultos. E como subassserções, podemos dizer que:

- a partir de sua realidade cultural e oralidade diária, os alunos podem adquirir novos conhecimentos, como a interpretação e escrita de textos.
- o gênero oral pode ocasionar o desenvolvimento de um gênero escrito, através de uma sequência didática que objetive avançar no nível de letramento dos alunos?
- a valorização cultural possibilita o resgate de valores e autoestima dos alunos da EJA.
- os alunos podem escrever outros gêneros a partir da leitura de um gênero conhecido por eles, ou seja, o gênero provérbio como tema gerador.

Para nortear o trabalho, apresentamos o primeiro capítulo com algumas reflexões sobre processo de ensino-aprendizagem na EJA, incluindo sua historicidade e as bases legais, o trabalho de linguagem na EJA na perspectiva de uma educação conscientizadora e uma reflexão do que vêm a ser os processos de alfabetização e letramento. No segundo capítulo, temos reflexões sobre os gêneros textuais na sala de aula, as definições dos gêneros “provérbio popular” e “verbete” e falamos sobre o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), teoria que embasa nossas reflexões. Por fim, no terceiro capítulo, temos os procedimentos metodológicos que guiaram a nossa pesquisa e a descrição e análise das atividades com a leitura dos provérbios e a produção dos verbetes, relacionando-as às capacidades de linguagem e os resultados alcançados.

CAPÍTULO I

O QUE É MESMO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)?

Neste capítulo, propomo-nos a apresentar os marcos históricos da EJA no Brasil e a definição de Educação de Jovens e/ou adultos, discutindo um pouco sobre sua legislação, o que nos leva a refletir sobre a finalidade dessa modalidade de ensino. Ainda, fundamentamos nosso trabalho com a discussão dos conceitos de alfabetização e letramento, bem como as práticas de linguagem na educação de jovens e adultos: uma educação conscientizadora.

1.1 BREVE REFLEXÃO SOBRE A HISTORICIDADE E BASES LEGAIS DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Percorrendo a história do Brasil, percebemos que, após 1964, surgiu o ensino supletivo, previsto na lei da reforma do ensino de 1º e 2º graus, de 1971, que foi mantido pelo setor privado através dos cursinhos particulares, em que o Estado apenas assumia os exames. Surge também a criação da Fundação Mobra, em 1969, como entidade mantenedora do programa de alfabetização, de acordo com o ideário de Paulo Freire, com influência ideológica do governo militar bem maior que a visão de formação do cidadão para o exercício da cidadania, embora na época houvesse uma concepção de cidadania específica. A política assumida pelo governo militar visava o treinamento para o mercado de trabalho, através da leitura, escrita e aritmética. (LEITE, 2013).

A partir de 1970 passou a ser discutida a educação como direito humano e mais recentemente, em 1990, na Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia, foram definidas políticas voltadas para a educação de jovens e adultos, visando à educação para todos.

Lima (2007) diz que a Organização das Nações Unidas, UNESCO, com as discussões sobre inclusão social, passou a defender a educação ao longo da vida, uma pedagogia voltada para a valorização dos seres humanos, entendendo como seres inacabados, que precisam de uma postura libertadora. Hoje temos essa ideia de uma educação para o longo da vida, pretendendo ter alunos jovens e adultos como sujeitos inacabados. Ou seja, todos que não tiveram acesso à educação anteriormente podem ainda dar continuidade aos seus estudos. Uma educação durante toda a vida deve ser orientada no sentido de resistir criativamente à mera subordinação perante às necessidades objetivas da competitividade econômica, da emulação e do puro ajustamento funcional à realidade; promovendo para isso uma educação para a solidariedade humana, aprendizagens críticas e, sempre que necessário, situações de aprendizagem que permitem reaprender e aprender o novo.

A educação de jovens e adultos está relacionada a uma educação para a conscientização, mas há a necessidade de se ter políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sócio educativo desses sujeitos.

Lima (2007) afirma que a primazia geralmente assegurada nos países do Sul da Europa, também por via de textos originais em língua francesa e de traduções em línguas latinas, a expressão educação permanente foi também assumida como matriz no relatório da Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação criada pelo UNESCO e presidida por Edgar Faure, que entre 1971 e 1972, redigiu o influente texto intitulado “Aprendendo a Ser”. Congruentemente, a tradução portuguesa revela como a partir da centralidade do conceito de educação permanente são articulados outros conceitos de educação, de formação e de aprendizagem, embora este último se encontre bastante menos representado.

Lima (2007) ainda fala que o conceito de educação permanente ou ao longo da vida, conferia centralidade à educação enquanto objeto de políticas públicas e, portanto, à sua provisão, organização e regulação enquanto direito humano básico, responsabilizando o Estado pela garantia das condições de igualdade de oportunidades. Nesse sentido, ele diz que a educação ao longo da vida revelou-se um dos pilares socioeducativos do Estado-Providência, articulando-se com políticas sociais e redistributivas típicas dos diversos modelos que assumiu em vários países, sobretudo após a segunda guerra mundial.

É na segunda metade dos anos 1980 que a palavra letramento surge no discurso de especialistas das Ciências Linguísticas e da Educação, como tradução da palavra da língua inglesa *literacy*. Sua tradução se faz na busca de ampliar o conceito de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio da tecnologia do ler e do escrever (codificar e decodificar), mas também para os usos dessas habilidades em práticas sociais em que escrever e ler são necessários (BRASIL, 2008).

Na América Latina, a Educação de Adultos sempre esteve associada à Educação Popular, com a perspectiva de uma educação libertadora. Falamos em popular, quando falamos em toda atitude que ajude o outro a participar como cidadão. Não devemos admitir a mensagem errônea que tem se propagado, de achar que educação popular é preservar a pobreza, mas de criar condições para o indivíduo participar do processo de transformação da sua própria história, de trazer a oportunidade de formação de seres humanos para a vida em sociedade, pois sabemos que o aluno é um ser social.

De 1950 até hoje a educação popular se firma, visando a construção do conhecimento com participação democrática. A classe trabalhadora não era considerada cidadã e, apenas no século XVIII, passou-se a falar em direitos para todos os cidadãos, através dos movimentos sociais, com o intuito de transformar o sistema, opondo-se à lógica do capitalismo global. Nesse período, no Brasil surgem muitas Organizações não Governamentais- ONG, que defendem uma educação popular.

Nos últimos trinta anos surgem os novos atores sociais, a exemplo de mulheres, índios, afrodescendentes e tantos outros, marginalizados ao longo do tempo que começam a ter acesso aos contextos de educação. O professor de EJA deve ter um compromisso com a mudança social, em especial com esses grupos marginalizados.

Como participação incentivadora, temos as discussões de Paulo Freire, quanto à educação bancária que existia há tantos anos, em que se tinha a ideia do aluno como depósito de conteúdos transmitidos de forma mecânica, sem exercer a criticidade. O seu livro, *Pedagogia do Oprimido*, vem contribuir com a reflexão de uma pedagogia libertadora para a EJA. Freire defende a conscientização para a transformação social, em oposição à prática da dominação. O seu objetivo é de chamar a atenção dos verdadeiros humanistas para o fato de que eles não podem,

na busca da libertação, servir-se da concepção “bancária”, sob pena de se contradizerem em sua busca, assim, como também não pode esta concepção tornar-se legado da sociedade oressora à sociedade revolucionária.

Ao contrário da educação bancária, Freire (1987) apresenta a educação problematizadora, que vê o homem não como um ser vazio, em que o professor o encha de conteúdos sem sentido, depositando ou transferindo esses conteúdos que chamam de conhecimento, mas, da compreensão do mundo e suas relações com ele, com a realidade para ser pensada e transformada. A mudança é palavra-chave no pensamento de Paulo Freire. A transformação da realidade para a libertação dos homens, para ele, ocorre através da práxis. A palavra gera ação e reflexão, que por sua vez gera a práxis (FREIRE, 1987). O teórico diz que o tema gerador deve ser investigado na realidade, ou seja, na práxis (a prática articulada à teoria). O tema gerador, para ele, não contempla homens isolados da realidade, nem tampouco da realidade separada dos homens, mas, só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. (FREIRE, 1987).

Atualmente, o Ensino Fundamental da EJA pretende desenvolver esse método de tema gerador, que a partir de uma palavra geradora, começa a ser discutida a realidade e são aprendidas novas palavras. Hoje, a EJA comprehende dois segmentos: o primeiro segmento é constituído do Ciclo de Alfabetização e do Ciclo I e II, corresponde ao período que vai do primeiro ao quinto ano, com duração de um ano letivo para cada. O segundo segmento é constituído do Ciclo III e IV, que corresponde do sexto ao nono ano, com duração de um ano letivo (cada ciclo).

A EJA é uma modalidade de ensino, que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país. Essa modalidade é destinada a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º, p.38, diz:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Dessa forma, os alunos da EJA são os que não tiveram acesso à educação na idade apropriada.

A EJA faz parte do ensino Fundamental e nas diretrizes nacionais para o ensino Fundamental (2010, p. 3) fica claro como devem ser as atividades curriculares na EJA:

Art. 9º- O currículo do Ensino Fundamental é entendido, nesta Resolução, como constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes.

Assim, devemos aproveitar o conhecimento prévio do aluno da EJA. Na Educação de Jovens e Adultos, utilizamos o saber do aluno como matéria-prima para o ensino, para que ele aprenda a partir do seu conhecimento e ensinamos a partir de palavras e temas geradores. A educação deve ser um ato de transformação social.

Rodrigues (2006, p.34) aponta que:

A investigação dos temas geradores parte da relação homem-mundo [...]. O conteúdo programático parte e nasce do povo, em diálogo com os educadores. A significação conscientizadora dos “temas geradores” é o ponto de partida do processo educativo, passando a investigação por etapas como: o encontro; a busca dos dados e a codificação. Na educação libertadora o homem é sujeito de seu pensar, discute o seu pensar e sua própria visão do mundo.

A autora, refletindo sobre a formação docente de acordo com as contribuições do ideário de Paulo Freire, diz que é no universo temático que encontramos os temas geradores, oriundos da experiência existencial, que o homem é concebido como ser livre frente ao seu produto, que age sobre o mundo, criando o domínio da cultura e da história. Um dos princípios da teoria de Freire é a valorização da cultura.

Assim, em EJA, o educador deve compreender que a aprendizagem vai além do processo de alfabetização mecânica, indo em busca do letramento e autonomia dos alunos.

Essa autonomia nos leva a pensar novamente no letramento dos nossos alunos, pois não basta que a escola possa alfabetizá-los, mas que possa criar

condições de levá-los a ler com um significado social. Nesse sentido, Kleiman (1995), classifica a escola como a mais importante agência de letramento, mas que não cumpre seu papel de letrar para a prática social, apenas alfabetiza, ao promover o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico). A escola aqui desenvolve uma competência individual para o sucesso e promoção na escola. Kleiman (1995), no entanto, diz que ainda há outras agências de letramento que mostram orientações muito diferentes, como a família, a igreja e a rua. Essa última nos leva a pensar nos provérbios populares, pois é na rua que eles são transmitidos oralmente e esse gênero faz parte dessa prática de letramento.

Em síntese, a EJA apresenta-se na atualidade como uma modalidade de ensino legalizada, porém, até se firmar como tal, passou por uma trajetória que nos permite compreender a história do analfabetismo no Brasil e sua evolução.

1.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS

Segundo Soares (2011), o termo alfabetização se refere ao processo abrangente para incluir a abordagem “mecânica” do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral, e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua.

De acordo com o material de linguagem, do programa de formação continuada de professores (Brasil, 2008), historicamente, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizagem da “tecnologia da escrita”, quer dizer, do sistema alfabetico de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificar sinais gráficos, transformando-os em “sons”, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos. A partir dos anos 1980, o conceito de alfabetização foi ampliado com as contribuições dos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita. O termo passou a designar o processo não apenas de ensinar e aprender as habilidades de codificação e decodificação, mas também o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita. É diante

dessas novas exigências que surge uma nova adjetivação para o termo-alfabetização funcional- criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e, posteriormente, a palavra “letramento”.

Letramento difere de alfabetização, por esse último termo estar atualmente mais voltado para a atividade de aprender a ler. A alfabetização é necessária, mas a continuidade do processo de alfabetização, ao qual podemos chamar de letramento, é essencial para a continuidade da própria vida. Assim, tão importante quanto a decodificação é a codificação das palavras. Em EJA, precisamos também entender que o aprendizado do aluno começa muito antes dele frequentar a escola devido às aprendizagens de leitura que ele adquire no meio social e precisamos então, fazer uma avaliação prévia do seu nível de letramento. É importante alfabetizar para a cidadania, sabendo que o processo de letramento continua.

A cultura escrita diz respeito às ações, valores, procedimentos instrumentos que constituem o mundo letrado. Esse processo possibilita aos alunos compreenderem os usos sociais da escrita e, pedagogicamente, pode gerar práticas e necessidades de leitura e escrita que darão significado às aprendizagens escolares e aos momentos de sistematização propostos em sala de aula. Na nossa civilização, todo cidadão, qualquer que seja seu grau de escolaridade ou sua posição social, está, de algum modo, inserido numa cultura letrada: tem documentos escritos e realiza, bem ou mal, práticas que dependem da escrita (ex: tomar ônibus, pagar contas etc.). Entretanto, é sempre possível alargar as possibilidades de integração e participação ativa na cultura escrita, pela ampliação da convivência e do conhecimento da língua escrita. Estar ativamente inserido na cultura escrita significa ter comportamentos “letrados”, atitudes e disposições frente ao mundo da escrita, a exemplo do gosto pela leitura, saberes específicos relacionados à leitura e à escrita que possibilitam usufruir de seus benefícios. A compreensão geral do mundo da escrita é tanto um fator que favorece o progresso da alfabetização dos alunos como uma consequência da aprendizagem da língua escrita na escola. Por isso é um dos eixos a serem trabalhados desde os primeiros momentos do percurso de alfabetização. Isso significa promover simultaneamente a alfabetização e o letramento (Brasil, 2008).

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como

consequência de ter-se apropriado da língua escrita e ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. (Brasil, 2008, p. 11)

Segundo o verbete do dicionário de linguagem e linguística (2011, p. 154) temos como conceito de Letramento:

Letramento (*literacy*)- A capacidade de ler e escrever de maneira eficaz. O letramento é a capacidade de ler e escrever, e isso parece bem simples. Mas não é. Entre os dois extremos constituídos pelo domínio magistralmente perfeito da leitura e da escrita, de um lado, e pelo completo *não letramento*, de outro, encontramos um número infinito de estágios intermediários: o letramento é gradual. Uma pessoa pode ser capaz de ler um tabloide popular e, ao mesmo tempo, ser incapaz de ler um formulário do imposto de renda ou mesmo as instruções de uma cartela de aspirinas. Outra pode ser capaz de ler uma variedade razoável de materiais, e não ser capaz de escrever qualquer coisa que se compreenda.

TRASK (2011, p. 154), diz que:

Desde a década de 1940, foram feitas tentativas de definir um grau de letramento funcional- o nível mínimo de leitura e escrita exigido para atuar efetivamente num mundo dominado por materiais escritos - mas esse objetivo mostrou ser excessivamente difícil de ser alcançado. [...] um indivíduo que não tem as capacidades de ler e escrever típicas de sua comunidade é iletrado; uma sociedade inteira que não tem um sistema de escrita reconhecido é aletrada ou, às vezes, a depender do contexto histórico, pré-letrada.

Alguns pesquisadores como Emilia Ferreiro e Ana Teborosky utilizam o termo “alfabetização” e “letramento”. Mas há quem prefere utilizar apenas o termo alfabetização para significar tanto o domínio do sistema de escrita quanto os usos da língua escrita em práticas sociais. Nesse caso, quando há a necessidade de estabelecer distinções, há a utilização das expressões “aprendizado do sistema de escrita” e “aprendizado da linguagem escrita”. Utilizaremos, os termos alfabetização e letramento.

Em síntese, temos como concepções essenciais aos processos de alfabetização e letramento, que alfabetização é o termo usado para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita, da natureza e do funcionamento do sistema de escrita; e que, letramento ou alfabetismo funcional é o termo usado para designar os usos (e as competências de uso) da língua escrita.

1.3 PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA EJA

Na educação de jovens e adultos, os objetivos da área de Língua Portuguesa estão prioritariamente voltados para o aperfeiçoamento da comunicação e do aprendizado da leitura e escrita. Um dos objetivos do ensino de língua portuguesa na EJA é desenvolver estratégias de compreensão e fluência na leitura. Mais importante que o aluno ser alfabetizado de forma mecânica é saber ler o mundo, sabendo interpretar diferentes textos e fazer da leitura um bem valioso para sua vida.

Consideramos aqui a relevante importância da linguagem para a aprendizagem. Segundo Bronckart (1999), a ação da linguagem é o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem. Como a linguagem está vinculada ao social, é de grande relevância o seu estudo para facilitar o ensino-aprendizagem.

Griz (2009, p. 91), citando Vygotsk, afirma que a linguagem tem um papel decisivo nos processos mentais, porque é através dela que se pode generalizar, pensar logicamente, adquirir, reter e selecionar conceitos. Assim, a fala, a leitura e a escrita resultam de um desenvolvimento harmonioso e da integração das várias funções que servem de base a este sistema.

O indivíduo está constantemente exercendo a linguagem, pela necessidade humana de se comunicar com o outro. A linguagem pode ser verbal ou não-verbal, como os gestos, a pintura etc.

Porto (2009, p. 24) diz que:

Na concepção interacionista, a leitura é entendida como um processo de produção que se dá a partir da relação dialógica que acontece entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor. É nessa dimensão dialógica, discursiva que a leitura deve ser experienciada, desde a alfabetização, como um ato social em que o autor e leitor participam de um processo interativo no qual o primeiro escreve para ser entendido pelo segundo. Dessa forma, a produção de significados – que implica essa relação dinâmica entre autor e leitor e entre aluno e professor – acontece de forma compartilhada, configurando-se como uma prática e experiências humanas nas quais devem ser considerados diversos fatores, como a idade do leitor, seu grau intelectual, seus gostos e cultura, entre outros. Além disso, devemos considerar as necessidades de leitura do aluno, sua maneira de ler, os instrumentos de leitura de que ele faz uso e seus processos de interpretação. Enfim, devemos estar atentos para o

processo de leitura, que abrange tudo aquilo que envolve o “mundo do leitor”.

Quanto ao ensino da leitura, é importante que os alunos compreendam aquilo que está sendo lido e as atividades de interpretação textual no modelo interativo, trazendo o conhecimento prévio dos alunos para a compreensão de todo o texto. É o professor, mais uma vez, que irá motivar os alunos à prática da leitura. É importante o professor, como mediador, estar atento à escolha de textos para a interpretação dos alunos.

Ainda sobre leitura, Pietri (2009, p. 52) diz que:

A leitura é, sem dúvida, um dos meios mais importantes na escola para a aquisição de novas aprendizagens. Se a função da escola é formar leitores proficientes, isto é, aqueles capazes de estabelecer seus próprios objetivos de leitura, é preciso realizar, na escola, leituras de textos com referência às condições em que foram produzidos e aos envolvidos em sua produção. É necessário conhecer quando foram produzidos os textos, onde, para quem, com que objetivos.

A atividade da leitura exige trabalho e o prazer da leitura se origina das possibilidades de realizar esse trabalho.

De acordo com a proposta curricular para a EJA (2011), analisando a escrita dos educandos, o professor pode identificar o tipo de exercício de que necessitam e o aprendiz deve compreender que um texto pode ser corrigido, melhorado, reescrevendo-o quantas vezes for necessário. É na reescrita que o aluno vai aprendendo a escrever melhor. É importante que o educador da EJA proponha atividades que desenvolvam nos alunos as habilidades de produzir textos.

Novamente Pietri (2009, p. 67) diz que:

A elaboração de uma aula de leitura exige que o professor seja um bom leitor e que seja capaz de oferecer ao leitor em formação recursos para a solução dos problemas encontrados nos textos que lê, o que inclui o acesso a outros textos que fundamentem sua atividade. Assim, não é possível considerar uma aula de leitura que se limite a apresentar um único texto, do mesmo modo uma aula de leitura não se restringe a apenas uma aula.

Quanto à comunicação escrita, Schneuwly e Dolz (2004) dizem que aprende-se a escrever, escrevendo, numa progressão que é, ela também, concebida como

natural, constituindo-se segundo uma lógica que depende tão-somente do processo interno de desenvolvimento. É importante que o educador da EJA esteja atento, promovendo condições de desenvolver a escrita.

O professor deve assumir o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem de linguagem na EJA, compreendendo que o aluno jovem ou adulto é sujeito e a sala de aula é lugar de interação, lugar de diálogo entre sujeitos que se apropriam do conhecimento produzido pela humanidade.

A língua – e sua expressão concreta cotidiana, a linguagem – é uma das manifestações culturais mais ricas e complexas. Ela é parte importante da cultura, mas, por sua vez, veículo de cultura, na medida em que se manifestam através dela outras expressões culturais que só podem alcançar sua concretização e seu desenvolvimento pela mediação privilegiada da palavra. (GADOTTI, 2001).

Carvalho (2011), ao refletir sobre a proposta freireana, diz que cultura é o que dá sentido às relações humanas, pois a herança cultural é determinante na evolução da compreensão de mundo, sendo pela herança cultural e pela experiência adquirida através da linguagem, que os indivíduos criam, recriam, interagem no seu contexto, respondem aos desafios, transcendem e dominam sua história e cultura. E é nessa integração que são criadas as raízes da identidade do sujeito.

Vygotsky (1930), sobre processo de internalização, diz que a memória é importante para a construção da cultura, uma vez que a cultura é criada através da linguagem e unicamente capacidade humana. Para ele, a linguagem é um dos traços que define a linguagem interior e a linguagem exterior é um processo de transformação do pensamento em palavra. A linguagem e a aprendizagem têm um importante destaque no seu pensamento. Quanto à aprendizagem, ele comprehende como um processo, em que a ação do sujeito que aprende e sua participação na construção do seu conhecimento são essenciais. Há uma transformação do homem, como ser biológico, em homem como ser social, que se efetua por meio de um processo de internalização de suas atividades, de seus comportamentos e dos símbolos que ele adquire ao longo de uma relação com a cultura.

Para o referido autor, há dois níveis de desenvolvimento no aprendizado escolar: nível de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento proximal. Para ele, o nível de desenvolvimento real é o nível de desenvolvimento das funções mentais que se estabeleceram como resultado de certos ciclos já completados. Nesse nível há o que os alunos da EJA conseguem fazer por si mesmos, o que eles

conseguem fazer sozinhos, o que já aprenderam sobre linguagem em seu cotidiano. As funções que já amadureceram são determinadas como desenvolvimento real. Já a zona de desenvolvimento proximal, para Vygotsky, é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um mediador ou em colaboração com companheiros mais capazes. Na zona de desenvolvimento proximal são encontradas as funções que ainda não amadureceram.

Sobre desenvolvimento e linguagem, Vygotsky diz que os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado e o aprendizado é um processo puramente externo, deixando claro que o processo de interação social interfere no aprendizado da linguagem. Ele expõe as três posições quanto à relação desenvolvimento-linguagem: a primeira diz que o aprendizado forma uma superestrutura sobre o desenvolvimento, deixando este último inalterado. A segunda posição postula que aprendizado é desenvolvimento, ocorrendo os dois processos simultaneamente. Já a terceira posição teórica tenta superar os extremos das outras duas, simplesmente combinando-as. Ele se posiciona com a seguinte afirmação:

Seja como for que resolvamos a questão teórica complexa e controversa da relação entre pensamento e linguagem, teremos de reconhecer a importância do processo da linguagem interior no desenvolvimento do pensamento. A linguagem interior é de tal modo importante para o conjunto do nosso pensamento que numerosos psicólogos identificaram os dois processos um com o outro, representando o pensamento como uma forma de linguagem entravada ou silenciosa. Todavia, está ainda por esclarecer de que modo se dá a transformação da linguagem exterior em linguagem interior.

Sobre pensamento e linguagem, Vygotsky (1934) diz que o pensamento e a linguagem têm raízes genéticas diferentes; o desenvolvimento do pensamento e da linguagem seguem canais distintos, mutuamente independentes; a relação entre o pensamento e a linguagem não é constante ao longo do desenvolvimento filogenético e na filogênese do pensamento e da linguagem, podemos quase seguramente identificar uma fase pré-lingüística no desenvolvimento intelectual e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem.

1.4 EJA: POR UMA EDUCAÇÃO CONSCIENTIZADORA

Como foi dito, não podemos falar em Educação de Jovens e Adultos sem o embasamento da proposta freireana. E a tarefa assumida por Paulo Freire era bem clara: tratava-se de trabalhar a educação de modo a colocá-la a serviço da formação dos traços da personalidade e de consciência. Era preciso, pois, criar procedimentos educativos que favorecessem o despertar da consciência crítica e que levassem à formação da personalidade democrática. A condição de homem, para Freire, era de criador de cultura. Ele acreditava que o homem é capaz de transcender, sendo aberto para o mundo e criador de cultura no âmbito das relações que mantém com os outros homens, com o mundo e o Criador. Importante para ele era a relação homem com sua realidade e a necessidade de uma educação entendida como processo de “conscientização”. Por educação conscientizadora, nos referimos também a uma educação cidadã, social e política. Paulo Freire defendia o compromisso com os pobres e sua realidade. Ele criticava as cartilhas e os livros artificiais para adultos. Reafirmava que uma escola assim desvinculada das condições de vida social e individual dos discentes não tinha como evitar o absenteísmo, a evasão, o desinteresse.

Beisiegel (2008, p. 126) afirma que:

A formação da personalidade democrática e a emergência da consciência crítica implicavam a aceitação das mudanças, a abertura ao diálogo, a tolerância diante dos desacordos, a introjeção da autoridade, o sentimento da responsabilidade, a busca de participação na construção da vida coletiva, a procura do aprofundamento da capacidade de reflexão sobre si mesmo, sobre os outros sobre a circunstância...envolviam, enfim, o desenvolvimento de traços de personalidade e de consciência entendidos pelo educador como fundamentos da possibilidade de compreensão e domínio, pelo homem, dos fatores e dos condicionamentos de sua existência individual e social, e como fundamentos da possibilidade de realização da democracia na vida social. Assim, as práticas educativas seriam examinadas sob a perspectiva de suas conexões com o processo de formação e desenvolvimento dessas características de consciência e de personalidade entre os brasileiros.

Para que aconteça uma educação conscientizadora, precisamos enfatizar o papel do educador para a promoção desse tipo de educação. Sabemos que o professor é o responsável pelo processo do estudo. Sobre a diretividade do processo educativo, Paulo Freire (1996) enfatiza que o papel do professor é ser diretor, mas não autoritário, assim como reflexivo, pesquisador, transformador de matrizes pedagógicas num movimento que implique ser ensinante e aprendente. Para ele, o professor deve assumir a postura de um educador político-crítico-reflexivo, com as seguintes características: problematizador, dialógico, mediador da conquista do conhecimento, político, competente na sua especificidade e na trasdisciplinaridade, complexo, anti-determinista, crítico/reflexivo, consciência forjada na práxis político-pedagógica, educador-educando, construtor coletivo da cidadania e dos direitos humanos, rigorosidade e científicidade como procedimentos cotidianos, utópico, respeito pela ingenuidade do educando para com ele ultrapassá-la, respeito a todas as diferenças, diretor e exigente (sem ser intransigente), democrático, ético, humanizador, construtor da afetividade, da cognição e dos valores humanos, intelectual e organizador, autonomia, esperança, tolerância e indignação.

A lógica da educação popular orienta-se segundo uma educação para a consciência crítica das massas populares. Para jovens e adultos em processo de aprendizagem escolar, é preciso criar procedimentos educativos que favoreçam o despertar da consciência crítica e que levem à formação da personalidade democrática e isso só é possível através de uma formação de professores com qualidade.

Paulo Freire propôs uma educação conscientizadora através de sua proposta de alfabetização adotada por ele e aplicada, através de círculos de cultura (ao invés de classes). Os alunos eram participantes desses círculos de discussões e os professores eram coordenadores de debate ou diálogo entre o educador e o educando. Já o programa consistia em situações existenciais.

Assim, o trabalho era iniciado a partir de discussões em torno do conceito de cultura, através de fichas de cultura (que são fichas com desenhos explicativos para que os alunos compreenda o que vem a ser cultura).

Esperava-se que o exame e a discussão dos conteúdos das “fichas de cultura” levassem os integrantes do grupo à mudança das atitudes anteriores de apatia e conformismo. O homem deveria começar a entender-se como “o fazedor

deste mundo da cultura". Pelo debate daquilo que estavam vendo nas diversas fichas, poderiam descobrir que o analfabeto, "como o letrado, ambos têm ímpeto de criação e recriação" e perceber que "tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana". Esta fase dos trabalhos seria concluída mediante o encaminhamento da atenção dos analfabetos para o exame da importância da leitura e escrita na apropriação dos produtos da cultura. A conclusão dos debates, assim o entendia Paulo Freire, devia girar "em torno da dimensão da cultura enquanto aquisição sistemática da experiência humana". E o domínio das técnicas da comunicação escrita constituía o melhor instrumento de aquisição da experiência acumulada. (Beisiegel, 2008, p. 189).

Após esta introdução ao estudo da cultura, eram iniciados os trabalhos da alfabetização, através do levantamento do "universo vocabular" que proporcionava a seleção das "palavras geradoras". Depois de escolhidas as "palavras geradoras", era aplicado o método analítico-sintético, em que se partia inicialmente para a decomposição da situação e da palavra visualizadas na ficha e visualização da famílias fonêmicas que compõem a palavra em estudo. Em seguida, apresentavam-se num *slide* as famílias reunidas e partiam-se para a última análise, a que leva as vogais.

Dessa forma, Paulo Freire criou muito além de um método: criou uma concepção de alfabetização e uma nova concepção de educação. Mais uma vez, trazemos a importância do diálogo, como pedra angular na pedagogia de Paulo Freire, para uma educação de paz, libertadora e dialógica. Na EJA, devemos trabalhar a linguagem na busca da alfabetização e letramento de adultos. Assim, não basta apenas alfabetizar, mas buscar uma aprendizagem de linguagem significativa. Nesse sentido, Kleiman (1995) afirma que a escola adere ao modelo de letramento autônomo, mas, é o modelo ideológico de letramento que configura um ensino culturalmente relevante e uma pedagogia crítica, como diria Freire.

CARVALHO (2011), refletindo sobre a teoria de Freire, nos leva a pensar que é preciso reconhecer os jovens e adultos como seres dialógicos. A professora retoma a importância do olhar para o sujeito como dialógico, como diria Paulo Freire, que é o sujeito capaz de interagir com o outro. Ela diz ainda que é somente nas interações sociais que esse diálogo acontece por uma aprendizagem significativa

que se dá, quando reconhecemos os saberes que os educandos trazem, e que são construídos nas interações sociais, pois o conhecimento não pode ser construído ignorando o saber dos jovens e adultos, nem a educação pode estar alheia ao contexto do educando.

Carvalho afirma que se o aluno perceber que seu conhecimento prévio não foi valorizado, certamente, ficará desmotivado com a postura autoritária e dominante da escola. Para o educador é imprescindível que ele utilize a leitura e a escrita em seu cotidiano, reconhecendo-as como objeto social. A autora diz que, para isso, ele deverá fazer uso dos gêneros textuais e ter disponível para si mesmo e para os alunos, as mais variadas modalidades de textos escritos, para efetivar a proposta de letramento escolar e social. Mas CARVALHO (2011) questiona: como escolher textos que privilegiem o contexto social dos alunos? Obtemos como resposta que devemos escolher textos que promovam a autonomia tão propalada em EJA, e emancipação dos educandos, reconhecendo-os, na práxis, enquanto sujeitos da própria história.

Não apenas a leitura da palavra escrita deve ser considerada, mas, também a literatura oral pode se destacar como uma forma de perceber o mundo. Assim, partimos dessa valorização cultural, leitura dos provérbios, considerando as experiências dos nossos alunos, para um saber mais elaborado, que é a produção de verbetes. E é nessa troca de experiências que Carvalho diz que se dá lugar a esse processo educativo, através de uma aprendizagem enriquecedora onde ganha espaço o diálogo.

O diálogo para Freire, na concepção da educação problematizadora, ocorre através da palavra e se concretiza através da práxis, ou seja, da reflexão e ação. Dessa forma se transforma o mundo. Para Freire, transformar o mundo requer existir. Daí ser a prática da liberdade contrária ao silêncio da palavra, a negação do direito de todos os homens.

Para Freire (1987), o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isso, ele se distancia do tipo de educação tradicional, onde ocorre o ato de depositar ideias de um sujeito no outro. No diálogo, já sujeitos dialógicos, dá-se o encontro de homens que pronunciam o mundo. Freire também coloca o amor como característica fundamental do diálogo, não um amor piegas, sentimental, mas como um ato de coragem para a libertação dos homens. O diálogo, para ele, gera transformação e ocorre entre os homens

através do amor, da humildade, da confiança, da fé nos homens, na esperança e na criticidade. É o diálogo que ocorre através da palavra e se concretiza através da práxis, ou seja, reflexão e ação. Libertar o mundo, para Freire, é transformá-lo e transformar o mundo requer existir. Daí ser a prática da liberdade contrária ao silêncio da palavra, a negação do direito de todos os homens.

Ainda para Freire, a humanização é a vocação dos homens, embora seja negada pela injustiça, na exploração e na opressão, que para ele é uma forma de violência. A grande tarefa humanista, para ele, é libertar-se a si e aos oprimidos. A opressão faz parte da cultura do silêncio, onde muitas vezes a luta é vista como um ato de rebeldia. Assim, Freire fala que a libertação autêntica, que é a humanização em processo, é práxis que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Na prática problematizadora, e não bancária, os educandos desenvolvem o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece. Essa educação libertária não apenas deposita informações mecânicas para serem memorizadas, mas, reconhece os alunos como seres históricos, inacabados e inconclusos. Os homens recriam e transformam sua história.

Nesse capítulo foram apresentados o tema Educação de Jovens e Adultos, trazendo sua historicidade e algumas leis fundamentais, os conceitos de alfabetização e letramento e reflexões sobre as práticas de linguagem, através de uma educação conscientizadora para a EJA.

No capítulo seguinte faremos uma reflexão acerca dos gêneros textuais na sala de aula, definindo os gêneros “provérbio popular” e “verbete” e falamos sobre o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), teoria que embasa nossa pesquisa.

CAPÍTULO II

GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA E ISD

Apresentamos nesse capítulo uma reflexão acerca dos gêneros textuais e a definição de Interaconismo Sócio-Discursivo (ISD). A nova proposta de ensino da língua portuguesa, segundo os PCN's, em meio às mudanças ocorridas na sociedade moderna, sugere que na sala de aula não apenas ensine a gramática como uma norma, como víamos antes, no ensino tradicional, mas que possibilite ao aluno o aprender em diferentes situações, dando-lhe, assim, a oportunidade de ler, interpretar e escrever diferentes gêneros textuais que utilizamos no meio social.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), quando um gênero textual entra na escola, produz-se um desdobramento: ele passa a ser ao mesmo tempo um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem.

Os gêneros textuais fluem exercendo funções sociais, através da interação humana, no exercício da linguagem. Passaremos a falar sobre gêneros, pois, as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes, através dos gêneros (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Assim, vamos compreender primeiramente do que se trata os gêneros textuais, de acordo com Bazerman (2005), Marcuschi (2008), Schneuwly e Dolz (2004), e mais precisamente, iremos conceituar os gêneros provérbio e verbete. O ISD nos ajudará a compreender a funcionalidade dos gêneros textuais.

2.1 CONCEITUANDO GÊNEROS TEXTUAIS

Podemos perceber, no nosso cotidiano, a utilização de diversos gêneros e passamos a refletir que nossos alunos da EJA precisam ler/interpretar e escrever diferentes espécies de textos para poderem desfrutar de uma melhor qualidade de vida na sociedade atual.

Bazerman (2011, p. 65) fala que:

O gênero parece ser um mecanismo constitutivo na formação, manutenção da sociedade, da cultura, da psicologia, da imaginação, da consciência, da personalidade e do conhecimento, interativo com todos os outros processos que formam nossas vidas. Podemos dizer que gênero é uma construção sociocultural. Cada gênero é utilizado em uma situação comunicativa específica, cada um tem uma função particular para o indivíduo e para a sociedade.

E ainda sobre gêneros textuais, Porto (2009) conceitua como “modelos” de textos que circulam socialmente e que estabelecem formas próprias de organização do discurso. O ensino dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não só amplia sobremaneira a competência linguística e discursiva dos alunos, mas também aponta-lhes as inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter fazendo uso da linguagem.

Para Bakhtin (1988), a linguagem não pode ser considerada somente do ponto de vista do locutor, como se ele estivesse isolado do contexto social, mas sim ser pensada em meio às relações entre parceiros envolvidos na interação verbal. Em cada esfera de comunicação, são produzidas práticas sociais entre os interlocutores. A sociedade se organiza em torno dessas práticas, que definem não apenas as atividades de linguagem, mas os papéis e lugares sociais para envolvidos nela. Bakhtin nos fala das inúmeras maneiras de interação entre os homens, nas mais variadas atividades sociais: vendendo, comprando, criando, trabalhando, brincando etc. Os gêneros são os instrumentos utilizados para a realização dessas práticas.

Os diferentes tipos relativamente estáveis de enunciados, nas mais variadas esferas da interação verbal, são denominados, por Bakhtin, de gêneros do discurso. Para ele, os gêneros podem ser primários ou secundários. Os primários são simples e procedem da comunicação verbal espontânea (diálogos, cartas); os secundários são mais complexos e são frutos de uma comunicação cultural mais evoluída (romance, teatro, discurso científico).

Schneuwly e Dolz fazem suas considerações sobre gênero:

O gênero não é somente instrumento de comunicação, mas ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem. A escola, para eles, é o lugar de comunicação e é na escola que se criam ocasiões de produção e recepção de textos. (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p. 67)

Para os referidos autores, a situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros. Na escola temos o dever, como professores, de dar oportunidade ao aluno de conhecer diferentes gêneros textuais e fazê-los produzir, assim como também criando situação de interação com outros alunos.

Marcuschi (2008) diz que a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição de língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua, de maneira geral. O autor apresenta a leitura e produção textual em diferentes gêneros. O aluno deve ler e escrever diferentes textos e cabe ao professor apresentá-los de forma dinâmica e desenvolver o processo de produção de textos significativos. Como os gêneros circulam socialmente, precisamos ensinar nossos alunos a utilizá-los para que eles sejam incluídos na sociedade. Assim, eles farão uso da linguagem e poderão cada vez mais adquirir o conhecimento.

Ainda segundo Marcuschi (2008), há a afirmação de que a distribuição da produção discursiva em gêneros tem como correlato a própria organização da sociedade, o que nos faz pensar no estudo sócio-histórico dos gêneros textuais como uma das maneiras de entender o próprio funcionamento social da língua. Para ele, os gêneros são históricos e têm origem em práticas sociais; são sociocomunicativos e tendem a ter uma forma característica; nem tudo neles pode ser definido sob o aspecto formal; sua funcionalidade lhes dá maleabilidade e definição; e são eventos com contrapartes tanto orais como escritas. Isto nos remete ao núcleo da perspectiva teórica dos estudos linguísticos sobre a visão sociointeracionista.

As atividades humanas possuem um forte caráter comunicativo e estão vinculadas ao aspecto histórico e cultural. Ainda sobre essa questão, Bazerman (2011) afirma que:

Identificar gênero historicamente conduz o conceito de gênero de um fato essencial que reside nos textos a um fato social, real, na medida em que as pessoas o tomam como real e na medida em que essa realidade sócio-psicológica influí na sua compreensão e no seu comportamento, dentro da situação como elas a percebem. (BAZERMAN, 2011, p.52)

Assim, para Bazerman, importante é trabalhar com um gênero, reconhecendo seu funcionamento na sociedade e sua relação com os indivíduos situados naquela cultura. Para ele, os gêneros são tipificações dinâmicas, interativas e históricas. Ou seja, os gêneros são resultados dos processos de atividades socialmente organizadas e têm propósitos práticos.

Bazerman (2011) defende que o gênero é uma forma de vida e ainda que os fatos sociais sejam determinados por textos e afetem as palavras que as pessoas falam ou escrevem, bem como a força que tais enunciados possuem. As palavras não apenas significam, mas fazem coisas, pois todo enunciado incorpora atos de fala e cada gênero tem sua característica específica e sua função.

Segundo Bazerman (2011), usamos o gênero para identificar os tipos de atividades simbólicas, emocionais, intelectuais, críticas e outras atividades mentais. Dessa forma, o gênero provérbio mostra para nós o tipo de mundo, de crenças e valores, que podemos identificar ao serem ditos pelos nossos alunos da EJA. É importante que no contexto escolar, os alunos conheçam e produzam gêneros diversos para desenvolver competências linguística e discursiva.

Tão importantes quantos os gêneros são seus portadores, que são chamados de suportes. Marcuschi (2008) diz que o suporte é imprescindível para que o gênero circule na sociedade. Ele define suporte de um gênero como um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.

O suporte pode ser de dois tipos: convencional ou incidental. O primeiro tem a função de portar ou fixar textos. São exemplos de suportes convencionais: livro, livro didático, jornal diário, revista semanal ou mensal, revista científica (boletins e anais), rádio, televisão, telefone, quadro de avisos, *outdoor*, encarte, *folder*, luminosos e faixas. Já o suporte incidental são ocasionais ou eventuais, com uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos, a exemplos de embalagens, para-choques e para-lamas de caminhão, roupas, corpo humano, paredes, muros, parada de ônibus, estação de metrô, calçadas, fachadas, janelas de ônibus (meio de transporte em geral).

2.2 GÊNERO PROVÉRBIO

Ao refletirmos sobre os gêneros populares na EJA, especificaremos o gênero provérbio, verificamos que se caracteriza como um texto curto e geralmente conhecido do povo e que contém sabedoria, verdade, moral, visões tradicionais e de uma forma metafórica, é transmitido de geração em geração. Os provérbios podem apresentar rimas, metáforas, paradoxo, personificação, hipérbole, sequencias, tema etc. Silva (2012) diz que os provérbios são muito usados na conversação dos adultos quando se quer transmitir conselhos e que essa é uma habilidade que se desenvolve ao longo dos anos.

No provérbio “Quem casa quer casa”, por exemplo, podemos perceber um conselho para a necessidade de uma moradia, sem estar junto de sogra, sogro etc. para um casal que queira se casar.

Silva (2012) ainda comenta que:

A sabedoria popular é manifestada de várias maneiras, notadamente entre as pessoas desprovidas de uma formação educacional mais elevada. Percebemos na forma de conversar e de expressar as ideias como as pessoas colocam seus pensamentos e seus conceitos diante de diversas situações. Portanto, a sabedoria popular é um fenômeno que está inserido numa cultura e que nem sempre se apresenta atrelado ao grau de conhecimento seja ele acadêmico, literário, musical ou educacional. (SILVA, 2012, p. 9)

Sem dúvida, o gênero provérbio é uma construção humana de produção oral que se estabelece na vivência das pessoas, servindo para aconselhar uns aos outros e faz parte da cultura popular. O provérbio constitui-se em um discurso popular, no qual os papéis e as interações sociais são mediados por meio das formas de comunicações sociais.

Figueiredo (2012) traz uma lista de classificação sistêmica internacional de provérbios, criada por Matti Kuusi e Outi Lauha Kangas, organizando em treze temas principais, dos quais a maioria representa aspectos básicos da vida humana:

- A. Sabedoria prática da natureza
- B. Fé e atitudes básicas
- C. Observações básicas e sociológicas

- D. O mundo e a vida humana
- E. Senso de proporção
- F. Conceitos de moralidade
- G. Vida social
- H. Interação Social
- I. Comunicação
- J. Posição Social
- K. Acordos e normas
- L. Copiando e aprendendo
- M. Tempo e senso de tempo

Cada uma dessas categorias citadas apresenta subcategorias, a exemplo da letra G “vida social”:

- G1 Parentesco
- G2 Desenvolvimento – a trajetória da pessoa
- G3 Criança: pais/ educação
- G4 Homem: mulher/ ranking e posição de ambos os sexos
- G5 Casamento
- G6 Juventude/ velhice
- G7 Saúde/ doença
- G8 Morte/ o morto

Levando em conta que provérbio é um gênero oral, apontamos para as considerações de Kleiman (1995) quando ela diz que nem toda oralidade é informal e sem planejamento. Percebemos que, embora popular, o provérbio tem sua elaboração planejada e que possui domínio social de comunicação como cultura literária ficcional, tendo como a atividade de linguagem dominante a exposição. Koch (2014) ressalta que todo texto é um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional e que é resultado de uma coprodução entre interlocutores. Ela lembra que a fala e escrita são duas modalidades da língua. Koch ainda acrescenta que o texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar, mas, ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada

pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é à luz desta que deve ser descrito e avaliado.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua portuguesa (2007), consta que:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, às transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos, e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigência prática da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (PCN, 2007, p. 25 e 26),

A proposta de leitura dos PCN é interacionista, embora ainda seja distante da nossa prática, pois não percebemos em todas as turmas de EJA a efetivação dessa proposta. Podemos, então, aproveitar esse conhecimento comum aos alunos da EJA para leitura e interpretação dos provérbios mais falados por eles, pois, o ensino exige que sejamos dinâmicos e perceptíveis à realidade dos nossos alunos. Assim, aproveitar um conhecimento comum, de forma criativa, para levá-los à aprendizagem da escrita, como a produção de verbete desses mesmos provérbios, pode favorecer o desenvolvimento dos nossos alunos e dar a oportunidade da participação efetiva desses alunos, muitas vezes desanimados pelo seu fracasso anterior, quando crianças.

Com um ensino de qualidade, em que se percebe a leitura de diferentes espécies de gêneros, não apenas provérbios e verbetes, na educação de nossos jovens e adultos, estaremos promovendo o acesso destes em diferentes práticas de letramento, numa sociedade em que cada vez mais se exige a leitura e a escrita eficazes. É através do ensino que promoveremos uma sociedade mais competente e preparada para os novos desafios. Sendo assim, buscamos em nossa pesquisa a valorização do conhecimento popular, os provérbios, para através do diálogo, construirmos um novo conhecimento na atividade escrita com o verbete, a partir das interações dos alunos.

2.3 GÊNERO VERBETE

Há poucas publicações sobre verbetes. Podemos compreender o verbete como texto escrito, que contém uma explicação de um conceito, a exemplo das definições de palavras no dicionário. Os verbetes são muito encontrados em dicionários, encyclopédias ou glossários. Atualmente podemos encontrar verbetes nos *hiperlinks*, pelo aumento de obras digitais. Eles registram os vários sentidos que uma palavra pode ter.

Os verbetes são organizados em ordem alfabética, eles nos dão informações sobre as palavras, ou seja, o significado de cada palavra. As palavras podem ter mais de um significado e é o verbete que vai defini-las. Eles nos mostram os sinônimos das palavras. O verbete pode dar significado também às siglas.

Exemplos de verbetes:

AÇOITE - Instrumento feito com tiras de couro para castigar; chicote; azorague... O negro era supliciado publicamente quando suas faltas eram consideradas graves, com um chicote especial de couro cru, o bacalhau..

ALFORRIA - Liberdade concedida ao escravo; manumissão. Antônio Joaquim Macedo Soares [...] afirma: "Alforria quer dizer dom, ou doação da liberdade que o senhor faz ao escravo, pondo-o fora do seu poder domínico".

AMOR- é o nível ou grau de responsabilidade, utilidade e prazer com que lidamos com as coisas e pessoas que conhecemos".

SAMU – sigla referente a Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

Muitos verbetes são organizados por um único tema. Por exemplo, há verbetes em dicionário de linguística, que são palavras e significados referentes ao tema "linguística"; há verbetes em dicionário de direito, que são palavras e significados referentes aos assuntos da área de direito.

O verbete apresenta a entrada, que é o título do verbete, a palavra que denomina o conceito a ser explicado. Logo após da entrada, vem o significado da palavra, que é o texto que traz explicações sobre as palavras.

Dessa forma, o verbete é um texto escrito de caráter informativo, que utilizamos para consulta e é destinado a explicar um conceito. O verbete é um texto descritivo que tem como função, a referencial.

O verbete é um gênero escrito, que apresenta um conjunto de definições e exemplos, podendo ser incentivado aos nossos alunos, desenvolvendo, assim, a produção. A nossa motivação nesta pesquisa deu-se no sentido de associar a discussão oral sobre os provérbios com a produção escrita dos verbetes a eles relacionados, exercitando e valorizando a leitura de mundo e o conhecimento prévio dos alunos e praticando a escrita a partir do verbete de provérbios.

Marcuschi (2008) diz que se percebe muito mais gêneros sugeridos para a atividade de compreensão do que para a atividade de produção. Ele diz que isso reflete em parte a situação atual em que os alunos escrevem pouco e em certos casos quase não escrevem e que produzir textos parece uma atividade ainda pouco conhecida em comparação à atividade de compreensão, essas últimas, encontradas em maior quantidade.

Koch (2014) conceitua a escrita como um processo que envolve escolha de um gênero textual em consonância com as práticas sociais, seleção, organização e revisão das ideias para os ajustes/reajustes necessários, tendo em vista a eficiência e a eficácia da comunicação. Assim, produzir verbetes, como outros gêneros escritos, requerem dos construtores sociais (nossos alunos), a seleção, organização e revisão das ideias no processo de comunicação.

É importante que os alunos desenvolvam a escrita, realizando diferentes atividades que os levem a produzir, a reescrever, e assim, adquirir a segurança necessária no ato da escrita.

Para que nossos alunos consigam escrever o gênero verbete é necessário que, como diz Ferraz (2011), eles olhem para o próprio texto como um objeto e verifiquem se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto e esses procedimentos estão associados com a capacidade de revisar e reescrever. A autora comenta que o texto é um processo inacabado e que o escritor precisa desenvolver essa capacidade para tornar-se competente. Essa competência, ela

relaciona ao ensino de produção textual, que deve se basear em um trabalho pedagógico que vise formar o aluno nesse perfil de escritor competente.

Incentivamos nossos alunos, no decorrer da pesquisa, para a elaboração do nosso livro, onde organizamos os nossos provérbios em ordem alfabética, com suas explicações sobre tais provérbios, resultando assim, nos verbetes dos provérbios. Para isso, houve várias atividades de escrita e reescrita.

2.4 ISD NO CONTEXTO DE EJA

Passaremos a definir o aparato teórico-metodológico que fundamenta nosso trabalho e especificamente as capacidades de linguagem proposta pelo ISD, que foram aplicadas com alunos da EJA.

Cada teoria apresenta os conceitos e questões relacionados aos interesses do discurso ao qual está implicada. Assim, na perspectiva Sociointeracionista, aprender é o aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 1930)

2.4.1 Fundamentos do ISD

A proposta do Interacionismo Sóico Discursivo (ISD) é de entrelaçar conhecimentos das ciências humanas e sociais a fim de arquitetar um projeto que considere o agir humano em sua totalidade. Podemos analisar a linguagem vinculada ao aspecto social, à luz do ISD.

Bronckart (2012) comenta que a atividade de linguagem é, ao mesmo tempo, o lugar e o meio das interações sociais constitutivas de qualquer conhecimento humano.

A concepção de linguagem apresentada por Bronckart é de que ela é uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa e pragmática. Para ele, a linguagem humana se apresenta inicialmente, como uma produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela o instrumento pelo qual os interlocutores, intencionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve.

Já o processo de elaboração de textos pode ser entendido como um acontecimento pelo uso dos signos linguísticos que compõem determinada língua, e que, além disso, há uma variedade de fatores externos ao sistema dessa língua, que são fatores sociais que interferem nessa elaboração. O texto configura-se como um produto social, que apresenta um caráter dialógico. Para Bronckart, é bem mais importante considerar a dimensão social que o aspecto formal da linguagem.

Sobre produção textual, Bronckart (2012) considera que:

[...] para produzir um texto, o agente deve mobilizar algumas de suas representações sobre os mundos, efetivando-se essa mobilização em duas direções distintas. De um lado, representações sobre os três mundos são requeridas como contexto da produção textual (qual é a situação de interação ou de comunicação na qual o agente-produtor julga se encontrar?) e esses conhecimentos vão exercer um controle pragmático ou ilocucional sobre alguns aspectos da organização do texto. De outro lado, representações sobre os três mundos são requeridas como conteúdo temático ou referente (quais temas vão ser verbalizados no texto?) e vão influenciar os aspectos locucionais ou declarativos da organização textual. (BRONCKART, 2012, p. 92)

Bronckart define contexto de produção como o conjunto dos parâmetros que pode exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado. Dessa forma, são esses os parâmetros:

- O lugar de produção: o lugar físico em que o texto é produzido;
- O momento de produção: a extensão do tempo durante a qual o texto é produzido;

- O emissor (ou produtor, ou locutor): a pessoa (ou a máquina) que produz fisicamente o texto, podendo essa produção ser efetuada na modalidade oral ou escrita;
- O receptor: a (ou as) pessoa (s) que pode(m) perceber (ou receber) concretamente o texto.

Ainda, Bronckart discute que a produção de todo texto inscreve-se no quadro das atividades de uma formação social e, mais precisamente, no quadro de uma forma de interação comunicativa que implica o mundo social (normas, valores, regras, etc.) e o mundo subjetivo (imagem que o agente dá de si ao agir). Esse contexto sociossubjetivo também pode ser decomposto em quatro parâmetros principais:

- O lugar social: no quadro de qual formação social, de qual instituição ou, de forma mais geral, em que modo de interação do texto é produzido: escola, família, mídia, exército, interação comercial, interação informal etc.
- A posição social do emissor (que lhe dá seu estatuto de enunciado): qual é o papel social que o emissor desempenha na interação em curso: papel de professor, de pai, de cliente, de superior hierárquico, de amigo, etc.?
- O objetivo (ou os objetivos) da interação: qual é do ponto de vista do enunciador.
- O efeito (ou os efeitos) que o texto pode produzir no destinatário?

Segundo Bronckart (1999), as camadas superpostas que formam o que ele nomeia como folhado textual classifica-se como: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos.

A infraestrutura geral do texto refere-se à organização de conjunto de conteúdo temático, por conseguinte, a noção de tipo de discurso que designa os diferentes segmentos que o texto comporta e ainda, as articulações entre os tipos de discurso que explicitam a relação de dependência de um segmento em relação ao outro.

Os mecanismos de textualização funcionam em nível intermediário e são eles: conexão, que contribui para marcar as articulações da progressão temática; coesão nominal, que introduz os temas e/ou personagens e assegura a retomada ou a sua substituição no desenvolvimento do texto; por fim, a coesão verbal, que é responsável pela organização temporal e/ou hierárquica dos processos.

O último nível de análise, os mecanismos enunciativos, está relacionado com a coerência pragmática (ou interativa) do texto e traduz as diversas avaliações sobre alguns aspectos do conteúdo temático e divide-se em: posicionamento enunciativo e vozes (agrupamento das vozes do autor empírico, dos personagens e as vozes sociais) e as modalizações, que são as avaliações formuladas sobre alguns aspectos do conteúdo temático.

Bronckart também teoriza que os procedimentos de tratamento que os sujeitos aplicam à linguagem dependem do tipo de interação social, da qual participam, e da significação atribuída à tarefa (contexto escolar ou contexto mais livre); fatores esses que, por sua vez, dependem das aprendizagens sociais prévias e da estrutura mesma da tarefa.

Na leitura e escrita há a interação comunicativa entre o enunciador e o destinatário, através de uma ação verbal concreta. De fato, nas escolas brasileiras deveria existir essa concepção de interação social através das práticas discursivas.

2.5 AS CAPACIDADES DE LINGUAGEM PARA O ISD

O ISD nos sugere como um de seus conceitos na compreensão do desenvolvimento, a noção de capacidades de linguagem. Para o ISD, as capacidades de linguagem são conhecimentos adquiridos para a realização das operações da linguagem, como a leitura, compreensão, interpretação, memorização de textos orais e escritos, a produção de texto, atividades que passam por um processo de aquisição e concretização na aprendizagem.

Segundo Leite (2012), na perspectiva do ISD, a ação de linguagem define-se como sequência organizada de eventos imputados a um agente, ao qual é possível atribuir motivo, intenção e capacidade.

Os pensamentos dos alunos, sujeitos do ato educativo, desenvolvem-se através das situações de linguagem, que são sócio-historicamente construídas.

O desenvolvimento dessas capacidades possibilita aperfeiçoar o processo de elaboração de textos.

Seguindo o pensamento de Cole (2012), ao praticar a ação de linguagem, o sujeito demonstra conhecer os procedimentos operacionais e este conhecimento o torna capaz de participar efetivamente como cidadão. São essas as capacidades de linguagem: capacidade de ação, capacidade discursiva e capacidade linguístico-discursiva. Vejamos cada uma delas.

A capacidade de ação, segundo Cole, corresponde ao agir do sujeito diante das condições impostas pela sociedade, considerando, dessa forma, o contexto social em que o indivíduo está inserido ao produzir um texto, o lugar, a posição social que ele ocupa, o objetivo proposto de uma atividade e o diálogo inicial entre o professor e o aluno, produtor de texto. Na capacidade de ação, o aluno adquire o conhecimento acerca das características de um determinado gênero, ou seja, é a fase da apresentação do gênero para o aluno e orientação da produção de todo e qualquer texto.

A capacidade discursiva engloba as ações e escolhas da infraestrutura geral do texto, por parte do agente discursivo. Aqui está contida a temática abordada, a elaboração do conteúdo e o plano temático. A capacidade discursiva compreende a infraestrutura que corresponde ao nível da camada mais profunda da arquitetura textual descrita por Bronckart (1999). Aqui encontramos uma maior organização do conteúdo temático e a planificação na organização interna dos parágrafos.

Já a capacidade linguístico-discursiva compreende as ações ligadas aos procedimentos textuais. Cole (2012) e Leite (2012), ao tratarem da proposta de Schneuwly e Dolz, lembram as capacidades linguístico-discursivas, divididas por eles em quatro tipos de funcionamento: mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal); mecanismos enunciativos (gerenciamento de vozes e modalizações); construção de enunciados, orações e períodos; e escolha de itens lexicais (regras de estruturação sintática das frases e às formas de codificação linguística as unidades de conteúdo do texto, ou seja, os elementos microestruturais, que são os elementos que envolvem os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos em nível lexical e frasal).

Nessa capacidade, o professor avalia o nível do conhecimento linguístico do aluno e as dificuldades que o aluno apresenta na atividade de linguagem e observa o desenvolvimento do aluno.

Nesse segundo capítulo foram apresentados conceitos sobre gêneros textuais, com ênfase nos provérbio e verbete, trazendo assim uma reflexão sobre a importância dos gêneros textuais na sala de aula e ainda, apresentamos o conceito de ISD, tão interligados às nossas reflexões sobre gêneros textuais.

No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia que guiou nossa pesquisa e análise das atividades realizadas com os alunos pesquisados na sala de aula, com os resultados alcançados.

CAPÍTULO III

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesse último capítulo, apresentamos os encaminhamentos metodológicos da pesquisa, discorrendo sobre o contexto escolar, a intervenção com a aplicação da sequência didática e as etapas de investigação da sala de aula pesquisada.

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa trata-se de uma pesquisa-ação de caráter qualitativo interpretativista, tendo como campo a escola Major José de Barros Moreira, na qual a pesquisadora leciona, realizada diretamente com a turma.

A referida pesquisa, de modo geral, objetivou investigar o processo de produção escrita (de verbetes), através de sequência didática (advinda do ISD), a partir da realidade dos alunos (leitura e interpretação dos provérbios), contribuindo assim, para a melhoria da aprendizagem de linguagem, dos alunos jovens e adultos.

Especificamente, o presente estudo se propôs a investigar como a realidade dos alunos interfere no processo de aprendizagem da linguagem; investigar a relação entre conhecimento da cultura popular e as práticas de letramento dos alunos em EJA; analisar como os alunos interagem ao construírem suas produções escritas; descrever quais as capacidades da linguagem que surgem no trabalho proposto.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola de Ensino Fundamental Major José de Barros Moreira é uma escola pública municipal de referência em qualidade de educação. Está localizada na Rua. Melvin Jones, s/n, no Bairro dos Ipês, na cidade de João Pessoa, Paraíba.

Fundada em 1965, pelo prefeito Damásio Franca, por meio do decreto nº 999, para atender à clientela da primeira à quarta série, foi inaugurada com apenas quatro salas de aula, uma diretoria que também servia de secretaria e dois banheiros.

Com o passar dos anos, a clientela foi aumentando e se tornou necessário ampliar o espaço físico para atender a demanda. Diante dessa realidade, a Prefeitura de João Pessoa, na administração do Prefeito Ricardo Coutinho, adquiriu um prédio vizinho e o reformou, transformando a escola, desse modo, em um espaço físico mais amplo, distribuído em três níveis do terreno.

Em 1996, com a Resolução nº 006/96, do Conselho Municipal de Educação, a supracitada instituição de ensino passou a oferecer, então, os níveis de ensino fundamental I e II. Atualmente, a unidade escolar funciona em dois blocos e o seu espaço físico comporta 1.036 alunos.

A escola oferece o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, EJA, o Programa Mais Educação e Escola Aberta. A referida instituição funciona nos três turnos; manhã, tarde e noite, cobrindo faixas etárias que se estendem dos cinco anos e seis meses a 70 anos de idade. No turno da manhã funciona uma turma de 1º ano, uma de 2º ano, uma de 3º ano, quatro de 6º ano, duas de 7º ano, duas de 8º ano, duas de 9º ano e duas turmas do Programa Mais Educação, perfazendo assim, um total de quinze turmas. No turno da tarde são oferecidas mais quinze turmas, formadas por duas de 1º ano, duas de 2º ano, três de 3º ano, três de 4º ano, três de 5º ano e duas turmas do Programa Mais Educação. À noite há uma classe de Alfabetização, uma de Ciclo I, duas de Ciclo II, duas de Ciclo III, uma sala de Ciclo IV, totalizando seis turmas.

Os alunos convivem com uma realidade de violência no bairro de Mandacaru, possuem baixa autoestima por fazerem parte de uma classe relativamente excluída pela sociedade e não valorizam suficientemente a sua cultura e as diversas possibilidades de produzir algo positivo para o meio em que vivem. Por outro lado, o bairro é rico em eventos de cultura popular com alguns projetos voltados para a realidade dessa população, como o carnaval de rua, danças folclóricas etc.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos que fazem parte do ciclo II da EJA, das turmas A e B (pois tivemos, além do ciclo II- B, onde a professora leciona, e a participação de alguns alunos da turma ciclo II- A). A idade dos alunos varia entre 15 a 70 anos. Foram 19 alunos pesquisados, sendo 12 mulheres e 7 homens. As mulheres interagiram mais que os homens. Os homens eram jovens com idade entre 15 e 18 anos. Já dentre as mulheres, 4 estavam na faixa dos 50 anos, 1 com 70 anos e 12 mulheres entre 20 e 37 anos. Assim, os sujeitos pesquisados foram os próprios alunos da EJA que participaram das atividades com o acompanhamento docente, ao interagirem na sala de aula.

3.4 A DELIMITAÇÃO DO CORPUS

As atividades em sala de aula (de leitura, interpretação, discussão e produção textual), gravação de áudio e os textos que os alunos produziram são os dados gerados e coletados. O corpus foi constituído pela transcrição das gravações contendo discussões sobre os provérbios, onde os alunos interpretavam, fazendo uma leitura compreensiva e não apenas meramente mecânica. As gravações foram feitas não seguindo os padrões fonológicos, apenas levando em conta os aspectos textuais-discursivos, na transposição do oral para o escrito. Os instrumentos de coletas foram gravador de celular e atividades textuais diversificadas, envolvendo os provérbios e o gênero verbete.

3.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos procedimentos, gravamos algumas aulas e analisamos como se deu o trabalho com os alunos.

Primeiramente, houve uma investigação sobre o conhecimento prévio dos alunos, baseando-se nos dados acerca dos conhecimentos sobre provérbios, para ampliarmos na escrita de verbetes. Trata-se de uma pesquisa tanto da língua falada como escrita, com dados espontâneos. Foram registrados os dados através da transcrição conversacional discursiva. Os dados foram arquivados através de gravação de voz e passamos a analisar as discussões, assim como fizemos a análise da escrita e reescrita dos textos dos alunos. Dessa forma, coletamos as gravações de aula, bem como as atividades de escrita. Temos abaixo a exposição de todas os objetivos de ensino-aprendizagem que conduziram as atividades:

- Conhecer o gênero provérbio como instrumento comunicativo;
- Desenvolver a leitura e a oralidade;
- Valorizar as expressões regionais;
- Conhecer novas palavras, que são os sinônimos das palavras utilizadas oralmente pelos alunos.
- Expressar sentimentos, ideias, opiniões com base na leitura do texto;
- Descobrir as diferenciações de diferentes espécies de gêneros apresentados, como provérbio e verbete, por exemplo;
- Distinguir a forma escrita dos diferentes gêneros trabalhados em sala;
- Familiarizar-se com os provérbios e valorizar a cultura popular;
- Confrontar com os colegas as diferentes interpretações;
- Desenvolver a produção textual através do gênero verbete;
- Verificar como os alunos escrevem e reescrevem os verbetes;
- Observar como a cultura interfere na sala de aula;

- Observar como os alunos compreendem os gêneros, oral e escrito, provérbio e verbete.
- Identificar os avanços na produção escrita dos alunos da EJA;
- Garantir a autoestima dos alunos por meio da valorização do livro produzido por eles
- Conhecer o gênero provérbio como instrumento comunicativo;
- Desenvolver a leitura e a oralidade;
- Valorizar as expressões regionais;
- Conhecer novas palavras, que são os sinônimos das palavras utilizadas oralmente pelos alunos.
- Expressar sentimentos, ideias, opiniões com base na leitura do texto;
- Descobrir as diferenciações de diferentes espécies de gêneros apresentados, como provérbio e verbete, por exemplo;
- Distinguir a forma escrita dos diferentes gêneros trabalhados em sala;
- Familiarizar-se com os provérbios e valorizar a cultura popular;
- Confrontar com os colegas as diferentes interpretações;
- Desenvolver a produção textual através do gênero verbete;
- Verificar como os alunos escrevem e reescrevem os verbetes;
- Observar como a cultura interfere na sala de aula;
- Observar como os alunos compreendem os gêneros, oral e escrito, provérbio e verbete.
- Identificar os avanços na produção escrita dos alunos da EJA;
- Garantir a autoestima dos alunos por meio da valorização do livro produzido por eles.

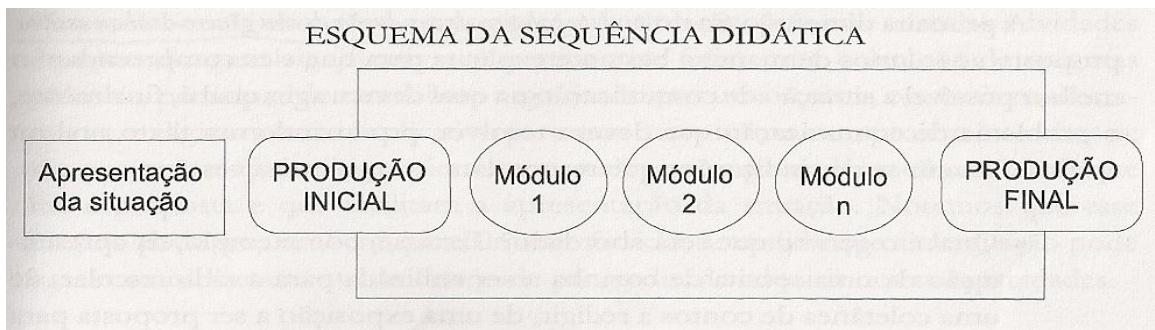
Os procedimentos metodológicos para a atividade de produção textual foram desenvolvidos de acordo com as orientações de uma sequência didática. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.

Uma sequência didática (SD) tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, para que ele escreva ou fale de maneira adequada nos diversos contextos comunicativos, tendo, nesse caso, o objetivo de que ele leia e interprete satisfatoriamente os provérbios e produza verbetes. A sequência didática não pode ser vista como um manual, mas um auxílio ao professor para se trabalhar com produção de gêneros textuais, a partir da realidade dos alunos. Assim, cada professor deve elaborar e desenvolver sua SD, baseada nas necessidades específicas dos alunos.

A sequência didática está estruturada da seguinte forma: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, ou quantos precisarem (atividades para desenvolver a produção do gênero textual escolhido, trabalhando os problemas detectados na produção inicial) e produção final (onde perceberemos o resultado do trabalho desenvolvido nos módulos e a superação dos problemas).

Através da aplicação de sequência didática, foram realizadas várias atividades de escrita e reescrita, favorecendo, assim, a aprendizagem na produção textual dos alunos da EJA. Foram utilizados cartazes para o desenvolvimento da leitura e escrita. Os alunos pesquisaram sobre o gênero provérbio, participaram de dinâmicas na sala de aula com o objetivo de observar o paralelismo para compreender, interpretar, ler e escrever o gênero verbete. O trabalho apontou para a escrita de verbetes, por meio dos quais os alunos escreveram e reescreveram os significados dos provérbios.

A seguir, o esquema da sequência didática, elaborado por Schneuwly e Dolz (2004), a qual aplicamos em nosso trabalho de geração de dados com a finalidade de proporcionar ao aluno da EJA uma orientação de como realizar todas as tarefas e etapas para o desenvolvimento de leitura e interpretação dos provérbios, bem como a escrita de verbetes.



3.6 DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Iremos nesse subitem, descrever as atividades realizadas com os alunos do ciclo II - EJA, através da sequência didática. Podemos dizer que cada fase correspondeu a, aproximadamente, um mês de aula, distribuídos em dois dias por semana. Os alunos participaram das atividades desse projeto, no período de um semestre. Foi importante desenvolver o projeto no segundo período do ano letivo de 2013, pois, após o primeiro semestre de conhecimento prévio dos nossos alunos, pudemos dar continuidade às atividades da disciplina de língua portuguesa. Durante o segundo semestre, estavam presentes apenas os interessados em concluir o ano letivo, tendo em vista a dificuldade que encontramos na evasão da EJA, problema ainda existente nessa modalidade de ensino.

Descrição da Sequência Didática:

Primeira etapa: Apresentação da situação, discussão sobre provérbios, primeira leitura e atividade de interpretação.

Houve a apresentação do gênero e informação aos alunos de como seriam desenvolvidas as atividades. Os objetivos a serem atingidos com as atividades foram apresentados para os alunos. Houve a exposição do que significam os provérbios e sua função sócio-comunicativa, a discussão sobre a relevância cultural, a identificação dos interlocutores do provérbio (a quem se destinam) e a sua classificação como um gênero oral.

Explicamos sobre a origem dos provérbios e o significado de alguns deles. Os provérbios foram lidos com o intuito de os alunos compreenderem sua historicidade popular. Na sequência, foram realizadas as seguintes etapas de trabalho: Escrita do

conceito de provérbios; Comparação com outras expressões populares e o gênero *slogan*; Roda de conversa sobre as diferenciações das espécies de gêneros.

Os alunos responderam oralmente as questões: Qual o conteúdo de cada um? Qual a diferença da forma escrita dos tipos de gêneros? Qual a função comunicativa de cada gênero?

Em seguida, ocorreu o debate sobre o gênero provérbio. Os alunos falaram das características gerais do gênero. Houve a proposta de pesquisa: os alunos combinaram onde iriam pesquisar sobre os provérbios, escolhendo assim realizar entrevistas com a vizinhança mais antiga, bem como utilizar a *internet* para a coleta dos dados.

Ainda houve a confecção de cartazes com provérbios pesquisados e exposição para demais turmas e leitura e interpretação de alguns provérbios pesquisados pelos alunos em folhas distribuídas para a turma. Embora os alunos tenham escrito alguns provérbios nos cartazes, não consideramos essa escrita como primeira produção porque consistiu em uma atividade de cópia e não de elaboração de um texto autoral.

Nessa primeira fase, ocorreu o desenvolvimento do que Dolz e Schneuwly (2004) propõem como capacidade de ação. A primeira etapa incluiu, além da apresentação da situação, uma leitura inicial, em que se verificou a experiência prévia dos alunos, ao contextualizar os assuntos e trabalhar a compreensão dos alunos sobre o gênero. Assim, houve uma avaliação diagnóstica, em que a professora verificou o nível de interpretação dos alunos. Eles discutiram sobre os assuntos tratados nos provérbios selecionados para a leitura, motivando-os para elaboração da atividade. Pudemos, nessa primeira etapa, realizar uma sondagem inicial para encaminhar novas atividades. Podemos observar que os alunos compreenderam a funcionalidade do gênero provérbio. Realizamos também uma avaliação formativa, que trata da observação das diversas atividades ocorridas ao longo do tempo.

Etapa II: atividades de leitura e primeiras produções escritas.

Houve a participação dos alunos em atividades diversificadas como leitura de cordel com provérbios, utilização do dicionário, produção de frases iniciais (foram feitos os aprimoramentos até a atividade final). Assim, os alunos compreenderam que a forma como se fala é diferente da forma que se escreve e puderam conhecer

novas palavras, ampliando seus conhecimentos. Em termos de conteúdo, foram explorados os sentidos conotativo e denotativo.

Nessas atividades conscientizamos os alunos de que eles fariam posteriormente uma produção escrita com base nesse gênero oral e apresentamos um vídeo intitulado “Expressões curiosas de ditos populares”.

No primeiro módulo, houve a retomada do significado de provérbio e a reflexão sobre sua importância cultural. Os alunos investigaram sobre o gênero e temas relacionados a eles, discutiram e interpretaram por meio de uma leitura coletiva, com uma roda de conversa. Alguns dos provérbios trazidos pelos alunos foram debatidos e gravadas algumas das nossas conversas. Foram esses alguns dos provérbios pesquisados e discutidos, inicialmente, por eles:

“Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”;

“A pressa é inimiga da perfeição”;

“A mentira tem perna curta”;

“Quando um não quer dois não brigam”;

“Gato escaldado tem medo de água fria”;

“A morte não chega de véspera”;

“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”;

“Cachorro que late não morde”;

“Quem tem boca vai a Roma”;

“Deus ajuda quem cedo madruga”;

“De grão em grão a galinha enche o papo”.

Em seguida, foi feita a leitura de páginas do livro “*Sabedoria popular: dicionário de frases, provérbios e ditados populares*”, do autor Ezequiel Camilo da

Silva, pesquisado pela professora. Com a leitura desse livro, os alunos se motivaram a elaborar um livro como suporte de suas produções.

Os provérbios foram escritos por meio de um treino ortográfico, em que a professora ditava cada provérbio. Os demais provérbios pesquisados no cordel “Provérbios Populares” (GOMES, 2012) foram escritos em cartazes para exposição, para serem lidos por outras turmas. Ou seja, após a leitura e interpretação dos provérbios, os alunos também escreveram e corrigiram o ditado de provérbios (treino ortográfico), podendo também desenvolver a escrita, embora não fosse exatamente produção deles, mas uma produção já realizada ao longo da tradição da cultura oral. Os alunos entregaram a atividade escrita para que realizássemos a primeira correção. Os alunos puderam melhorar a ortografia através de atividades com dicionários e manuais de ortografia, atividades essas que foram conduzidas no momento seguinte por meio do processo de reescrita.

Realizamos a conceituação de “provérbio”, por meio da elaboração de verbete. Primeiramente foi apresentando o que era verbete, assim como exemplos de verbete, através da palavra “amor” e da sigla “SAMU”. Os alunos fizeram o verbete da palavra “amor”, depois fizeram o verbete da sigla “SAMU”. Após cada aluno conceituar, escrevemos coletivamente um único verbete, de cada palavra, considerando a ideia de todos e escrevendo de forma mais técnica ao corrigir os erros dos alunos. Dessa forma, foram sendo desenvolvidas as capacidades discursiva e linguística-discursiva.

Assim chegou-se à seguinte definição de provérbio elaborada pelos alunos:

Provérbios- frases, palavras, expressões, ditados populares, tudo o que as pessoas falam na rua e no dia a dia, que transmite conselhos e conhecimentos comuns sobre a vida.

Fonte: Produção do aluno

Provérbio (popular) é um conselho, um ensinamento de uma pessoa mais experiente para outra e que se fala no dia a dia.

Fonte: Produção do aluno

Houve uma avaliação somativa, que tratou desde a inicial até as últimas etapas, em que acompanhamos o desenvolvimento do aluno. Verificou-se o aprendizado das tarefas. Assim, passamos a corrigir as produções, não apenas avaliando os aspectos ortográficos e de pontuação, mas analisando o planejamento do texto elaborado pelo aluno. A professora pôde comparar os textos e partir para uma análise coletiva de problemas específicos ou gerais. Contemplamos a capacidade de ação e discursiva nessa atividade. Dessa forma, a avaliação contribuiu para a reflexão da própria professora sobre os conteúdos que precisavam ser trabalhados. Assim, o aluno aprendeu a falar sobre o gênero e foi adquirindo uma linguagem para tratar da temática abordada em cada provérbio analisado.

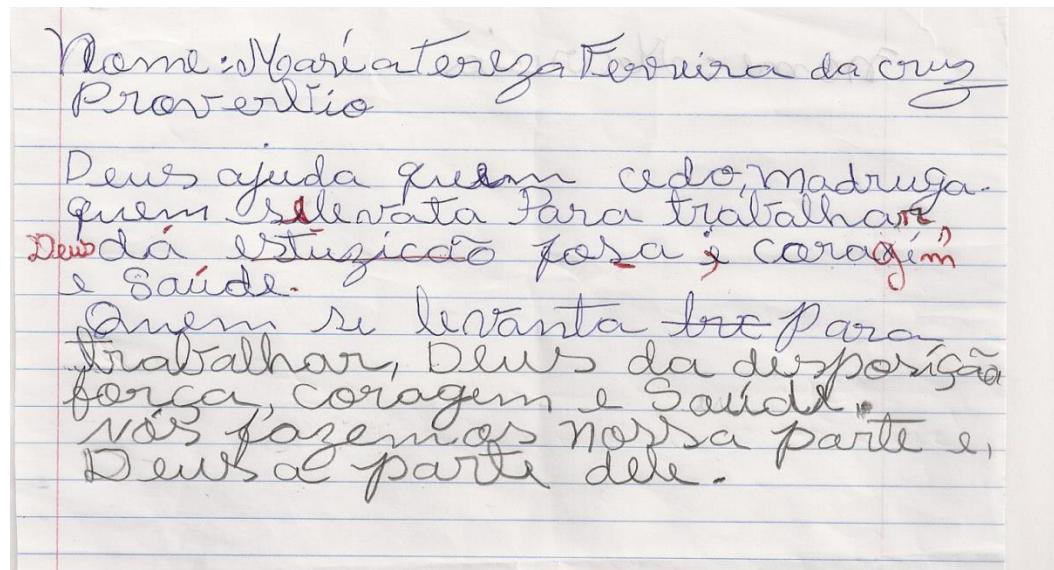
Nesse segundo momento, além de reescreverem o verbete de provérbios, os alunos verificaram a atividade corrigida e fizeram uma reescrita ao reformular os provérbios ditados por meio da atividade de treino ortográfico. Em síntese, a primeira produção escrita se refere ao verbete da palavra provérbio.

Etapa III: Módulos de estudo do gênero verbete

Houve a retomada do conceito de “provérbio” e os alunos planejaram, redigiram, revisaram e passaram a limpo os verbetes que iam sendo produzidos. Realizamos a mediação, acompanhando na elaboração da reescrita de cada aluno. Aqui foram desenvolvidas as capacidades linguístico-discursivas, através das atividades de escrita. Ocorreu atividade de correção coletiva (duelas ou grupos de alunos) da ortografia através das palavras selecionadas pela professora, trabalhando assim as regularidades e as irregularidades do sistema ortográfico da língua portuguesa. Ocorreram, ainda, exercícios preliminares de reescrita, enfocando a coesão nominal e verbal, conexão, a fim de instrumentalizar os alunos com estratégias para serem utilizadas em seus textos. Também houve a verificação da pontuação.

Os verbetes que os alunos escolheram para discutir e escrever para serem arquivados no livro como suporte, eram corrigidos e escritos. Assim, foi possível perceber que novos conteúdos surgiam através dessa atividade, como o uso dos tempos verbais e colocação de pronomes. A capacidade discursiva e linguística-discursiva foram sendo desenvolvidas na elaboração desse pequeno livro.

Consideramos essencial o trabalho que houve com a reescrita das produções dos alunos. Os alunos reescrevam os verbetes, a exemplo da escrita abaixo:



Provérbio: Deus ajuda quem cedo madruga. quem selevanta para trabalha Deus dá estuziçao fosa e coragem e saude.

Verbete:

Quem se levanta para trabalhar, Deus dá disposição, força, coragem e saúde. Nós fazemos nossa parte e Deus a parte dele.

Fonte: Produção do aluno

Através dessas produções de verbetes, os alunos iam adquirindo o interesse pela leitura, desenvolvendo assim a interpretação, a escrita e desenvolvendo o letramento.

Os alunos foram construindo vários verbetes dos provérbios que queriam colocar no livro deles, a exemplo:

Nome: Maria Cristina da Silva

Provérbio.

A Pressa é a inimiga da perfeição.
A Pressa não vai conseguir chegar
ao seu objetivo desejado. Para
chegar onde quer é preciso ter
paciência.

Gato escaldado tem medo de água fria:

Exemplos: Quem já sofreu e sentiu
na pele, está preparado para não
deixar que aconteça o que aconteceu
porque é vivendo que se aprende.
A vida é um livro a berto
ensina a quem não sabe
viver.

Provérbio: A pressa é a inimiga da perfeição.

Verbete: A pessoa não vai conseguir chegar ao seu objetivo desejado. Para chegar onde quer é preciso ter paciência.

Fonte: Produção do aluno

Provérbio: Gato escaldado tem medo de água fria

Verbete: Quem já sofreu e sentiu na pele está preparado para não deixar que aconteça o que aconteceu porque é vivendo que se aprende. A vida é um livro aberto ensina a quem não sabe viver.

Fonte: Produção do aluno

Nesse verbete acima, percebemos que a aluna “C” escreve bem para o nível dela, mas precisa aprender acerca da pontuação, e assim esse trabalho possibilitava avançar na capacidade linguística - discursiva.

Produção final

Já na etapa final foram desenvolvidas as atividades para desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas, através da verificação da coesão nominal, coesão verbal, conexão, ortografia, pontuação, vocabulário, uso das palavras, construção de sentenças e organização textual. Sendo aqui proposta para os alunos a “arrumação do texto”, a “higienização textual”, ou seja, foi trabalhada nessa etapa a apresentação estética do texto, não apenas “passando a limpo”, mas abordando os aspectos estéticos e gramaticais.

Os alunos também reescreveram o significado dos provérbios selecionados por cada aluno, motivando-se cada vez mais a escreverem um livro, onde cada aluno explicasse alguns provérbios. Foram feitos os aprimoramentos dos verbetes produzidos até a atividade final.

Os alunos compreenderam que a forma como se fala é diferente da forma como se escreve e puderam conhecer novas palavras, ampliando seus conhecimentos.

Na produção final foi desenvolvido o livro, como suporte dos verbetes. Essa produção final possibilitou o envolvimento dos alunos, a autoestima e também um retorno às atividades de leitura e interpretações. Ocorreu também uma avaliação final. Nessa etapa final, pudemos avaliar a superação das dificuldades por meio da avaliação formativa. Os alunos fizeram a seguinte reflexão: O que aprendi? O que resta fazer? Houve, de maneira oportuna, a exposição dos provérbios pesquisados, lidos e interpretados para outras turmas, por meio de exposição de cartazes e socialização do livro produzido.

Fizemos uma culminância do nosso projeto, na festa final da escola, com publicação do livro e autógrafos. Os alunos colocaram em prática o que foi aprendido, levando em conta tanto o seu progresso, bem como refletindo sobre o que ainda estava pendente.

3.7 RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados foram obtidos através da análise dos dados, com observação dos alunos nas atividades, verificando a produção textual dos verbetes e acompanhando o desenvolvimento das capacidades linguísticas nos alunos.

O trabalho capacitou os alunos a desenvolver os aspectos linguístico-discursivos. Para Leite (2012), a capacidade linguístico-discursiva se refere às ações ligadas aos procedimentos textuais, como os procedimentos da escrita que observamos na sala de aula, que possibilitem ao agente discursivo o desenvolvimento de operações implicadas na produção textual, sendo divididos em: planejamento das operações textuais; escrita (construção de enunciados, orações, períodos e escolha de itens lexicais); avaliação (mecanismo que indica elementos a serem ponderados para a qualidade da produção) e reescrita (mecanismo de reescrita orientado pela atividade).

Assim, pudemos verificar o desenvolvimento da capacidade linguístico-discursiva ao longo de todo o processo de produção, através de tais características dessa capacidade: a exploração da coesão verbal, a flexão dos verbos, a coesão nominal e a conexão que o texto requer, a eliminação de palavras e ideias repetidas, da concordância e da regência.

Como objetivamos descrever o contexto de produção do processo de escrita do gênero verbete através do desenvolvimento de uma sequência didática, pudemos chegar à conclusão de que a pesquisa se beneficiou da proposta de sequência didática advinda do ISD, uma vez que foram desenvolvidas capacidades de ação e discursiva, além das linguístico-discursivas, nos nossos alunos.

Consideramos o resultado como satisfatório, pois para que os alunos desenvolvessem como trabalho final um livro (pequeno livrete) podemos admitir que as atividades possibilitaram um significativo avanço na aprendizagem de linguagem nos alunos. O desenvolvimento da sequência didática, respaldada pelo ISD de fato, contribui para a produção escrita dos alunos da EJA. Os resultados obtidos confirmam que as produções escritas podem ser beneficiadas a partir da leitura de mundo que os alunos realizam no cotidiano deles.

3.8 ANALISANDO ÁUDIOS COM DISCUSSÕES DOS ALUNOS SOBRE OS PROVÉRBIOS

Passaremos a analisar mais alguns trechos das aulas gravadas com os alunos da EJA.:

Professora: A gente vai comentar, o que significa esse provérbio, certo? E aí a gente vai escrevendo nesse cartaz todas as idéias, aí a gente vai fazer dessa vez um único verbete, um coletivo desse daqui. Então, não vai ser como ontem que cada um ficou com um provérbio não, a gente vai escrever só um pra sala toda desse aqui, ta? Então o que é que a gente lê nesse cartaz aí? ... Nesse primeiro?

Aluna não identificada: De grão em grão a galinha enche o papo.

Professora: De o que? De grão em grão...

Alunos: De grão em grão a galinha enche o papo.

Professora: O que significa? Significa, o animal galinha enche o papo, é?

Aluna não identificada: Não!

Professora: Tem dois sentidos, um denotativo e um conotativo. Não é? Tem o sentido que é a galinha mesmo, a galinha enche o papo mesmo de milho em milho, não é? Mas, o provérbio sempre quer dizer um conselho que vocês falaram, não foi? Uma orientação, então quando a pessoa fala de grão em grão a galinha enche o papo, qual é o sentido conotativo? O que é que está por trás disso, da galinha e do milho. O que é que quer dizer na vida, a vizinhança, o povo fala pra você. Olha...

Em primeiro lugar, consideramos o senso comum como ponto de partida para realizar as atividades de linguagem com nossos alunos. Paulo Freire (1987, p. 116) enfatiza o respeito ao conhecimento de senso comum.

Nesse diálogo foi explorado o sentido conotativo e denotativo de um provérbio. Essa classificação foi de fundamental importância para que o aluno criasse o hábito de interpretar, pois eles passaram a compreender que para um texto ser escrito deve significar algo, como por exemplo, as situações encontradas nos provérbios significam algum conselho para a vida.

Aluno não identificado: Oh, professora!

Professora: Aí a gente vai fazer assim...

Aluno não identificado: Escrever isso aí...?

Professora: Olha só, tente colocar no papel, o que... Isso que a gente acabou de discutir aqui, o que significa de grão em grão a galinha enche o papo e aí a gente vai pegar as idéias de cada um e fazer um só, reescrever, certo?

Aluno não identificado: Agora entendi!

Com a discussão finalizada, houve o convite dos alunos de produzir o verbete do provérbio “De grão em grão a galinha enche o papo”. Dessa forma, o trabalho foi sendo conduzido, através das discussões orais, partíamos para a escrita e reescrita dos significados dos provérbios, que originou a elaboração dos verbetes.

Aluna Ray: É um aperreio. Você faz sempre as coisas para as outras pessoas, deixa de fazer as suas coisas. Ai, por isso que tem gente que diz assim: Ah, você está com a calça rasgada. Ai, você conserta a roupa dos outros e não conserta a sua. Ai, o povo diz: Ah, Casa de ferreiro, espeto é...

Professora: Pronto! Ela já pegou o contexto da própria vida dela, porque ela é costureira, né?! Exemplo de Ray, ela faz para os outros direto. Trabalha direto, casa de ferreiro, né? Casa de costura, mas no caso, casa de ferreiro pode ter um espeto de pau, no caso, assim, não é de ferro é de pau. As roupas dela pode não ser bem costuradas, só para os outros de fora, né, Ray?!

Aluna Ray: Costumo dizer isso para o meu marido, porque ele é Montador, ai, lá fora ele faz tudo e em casa... (*inaudível*).

Professora: Então, esse provérbio daí tá muito parecido com aquele santo de casa, não faz milagre, não é isso?! Ai, já pra sua casa você faz, alguém da família, é, aliás, alguém da família não faz pra alguém de casa, mas faz pra alguém de fora, não é?!

Aluna Ray: É!

Professora: Então, tem alguns que estão nessa categoria, de família, uns se aplicam a marido, outros, a esperança, não é?! Tem uns lá, que as meninas na minha sala meteram o

pau no marido, aquele, quem com ferro fere, com ferro será ferido, ai, tudo se aplicou pra marido, não é?! E tem algum provérbio com a letra d?

Aluno não identificada: Não.

Professora: Não! Então, qual é a próxima letra?

Alunos: E!

Professora: E!

Aluna não identificada: Espelho de... Como é? Espere sentado que em pé cansa e tem esse também. É melhor prevenir do que remediar.

Professora: Pronto. Tem dois. Ai... O acento não influência, tudo é, é. Certo? Ai, quem vem primeiro, m de melhor ou s, juntinho do espere?

Nesse trecho, podemos realizar a colocação dos provérbios na ordem alfabética e ao mesmo tempo interpretar os provérbios comentados.

Aluno não identificada: ...É melhor prevenir do...

Professora: Isso! Então primeiro, é melhor prevenir do que remediar, ai depois, espere deitado que em pé cansa. Mas, ai, olha só, é melhor prevenir do que remediar, quer dizer o quê? Quando a gente fala remediar, a gente lembra de quê? Re... Que fica doente.

Aluna não identificada: Remédio.

Professora A gente toma o quê? Remédio.

Aluna não identificada: Remédio!

Professora: Então, é melhor tomar uma vitamina para a gripe, laranja, suco de laranja, do que ficar com gripe, né?! Mas isso ai, é melhor prevenir do que remediar, quer dizer só isso, sobre saúde, ou por trás está dizendo outra coisa? Tá dizendo o quê? Em que situação se aplica isso, é melhor prevenir do que remediar?

Aluna não identificada: No bolso da gente.

Professora: No bolso. Muito bem. No dinheiro.

Aluna não identificada: No orçamento...

Professora: É melhor...

Aluna não identificada: ...Economizar...

Professora: ...Prevenir, economizar, do que, quando precisar, não é?!...

Aluna não identificada: Não ter né! É tipo quando uma pessoa quer fazer alguma coisa, ai diz, é melhor prevenir antes de fazer, para depois não acontecer outras coisas.

Professora: Pronto. Nessa situação também, isso! E, até Dona Lourdes falou assim, lá, ai ela disse assim, por exemplo, é melhor você trocar o gás, do que chegar no domingo você

não ter onde..., então, é melhor prevenir do que remediar, né?! Não é melhor do que ficar doente, acontecer alguma coisa ruim, precisar de um remédio, né?! Ou, nessas situações, faltar um dinheiro, não é?! Gente, qual é o provérbio, ai, que tem letra f? Não tem, né?!

Aluna não identificada: Não tem.

Professora: Nem g!?

Aluna não identificada: Não! (*inaudível*).

Professora: H, I... (*inaudível*) Com q tem vários provérbios, porque muitos começam com, quem. Quem faz isso, vai acontecer isso, quem faz isso, vai acontecer isso. Então, tem dois, quem com ferro fere, com ferro será ferido e quem diz o que quer ouve o que não quer.

Aluna não identificada: É o primeiro de baixo.

Aluna não identificada II: Acho que é o primeiro.

Aluna não identificada: Quem diz o que quer...

Aluna não identificada II: Com ferro fere, com ferro será ferido.

Professora: Olha, até aqui “tá” tudo igual, quem', né, Leninha?! 'Quem com... ou quem diz..., quem vem primeiro, c ou d'?

Aluna não identificada: C!

Professora: Pronto. Então, é, quem com ferro..., esse ferro, ai, quem com ferro fere..., esse ferro, quer dizer o ferro de passar roupa, é?

Aluna não identificada: É assim... Quem com ferro fere..., pode ser assim... Você faz alguma coisa ruim com a pessoa, ai, você não “tá” pensando que aquele mal que você “tá” fazendo com aquela passa não vem pra você. Ai quer dizer isso.

Professora: Pode ter até a comparação com o ferro mesmo. O ferro não é uma coisa muito boa não, né?! Pegar um ferro quente, machuca, não machuca? Mas, o que “tá” por trás desse ferro, desse sentido denotativo? Qual o sentido conotativo que “tá” por trás disso? Não quer dizer o ferro, mesmo, não né?! Eletrodoméstico, de casa. “Tá” dizendo sentimentos, ferir o outro, não é?! (*inaudível*). Se você fala mal com alguém, alguém pode falar mal com você.

Aluna não identificada: Ai você “tá” sendo... Você “tá” provando do seu próprio veneno.

Professora: E “tá” muito naquele sentido, também, quem planta, colhe, não é?! Então o conselho de que, não faça o mal pro outro, porque esse mal pode voltar para você, não é? E, quem diz o que quer ouve o que não quer, por coincidência “tá” no mesmo sentido, também, não machuque as pessoas, mas, aí, no caso, com a, o quê? Palavra, não é?! Não diga tudo, né?

Aluna não identificada: Porque, senão vai ouvir também.

Professora: Senão vai ouvir também, não é isso?! Tudo na vida passa pelo sentido, para tudo tem um jeito, só não tem jeito para a morte, tudo na vida passa, as besteiras, não é?!, As coisas materiais... O que importa mesmo são as coisas espirituais, o amor que não morre. Então, gente, quando a gente fala provérbios, a gente quer dizer um conselho pra alguém, né?! E, aí, a gente vai procurar os verbos desses provérbios. Oh, a morte não chega de véspera, né? O que significa, a morte não chega de véspera?

Aluna não identificada: De Véspera? (*Inaudível*) (Risos).

Professora: A gente fala hoje é véspera de natal, é um dia antes do...?

Alunos: Natal!

Professora: Então a morte não chega um dia antes, vamos dizer assim...

Aluna não identificada: É, ela só chega no dia né!

Professora: Só chega no dia mesmo, né!

Aluna não identificada: Chega o dia, é ali naquele dia e pronto, vai esperar por outro dia não. (Risos)

Professora: Você pode até ter um aviso, não é! Amanhã não haverá aula, né, na véspera, mas você vai saber que você vai morrer amanhã? (Risos) não né!? Ninguém sabe o dia da sua... (Risos).

Aluna não identificada: Deus proverá!

Professora: Deus proverá, tenha fé em Deus, tem também um certo consolo aí nesse provérbio, vocês não disseram que é conselho e uma orientação, ela aconselha assim, olha calma também né, a morte... não precisa ficar ansioso, no dia que chegar chegou, né não!? (Risos). Mas também é um conselho, assim (*Inaudível*) quando diz assim, a morte não chega de véspera, esses meninos aqui que estão em Mandacaru só vive se drogando direto, não é!? É... pega fica por aí, correndo de moto e tudo né, tem uns, então... Ele dá conselho pro bem, né!? A morte não chega de véspera, cuide da sua vida né, da sua vida... Porque tudo vai passar, então cuide da sua vida espiritual, tudo isso, né!?

É porque a morte ela chega rápida, né, quando você ta doente, aquela doença que você... Que a pessoa sabe que não vai ter cura, aí ali você sabe que a qualquer momento você pode morrer né!? Mas aquela pessoa cheia de saúde, cheia de vida e de repente o povo, fulano morreu.

Professora: É!

Aluna não identificada: Né!

Professora: Acontece isso também né!

Aluna não identificada: É muita vezes, acaba acontecendo... Muitos jovens...

Professora: Pode morrer de repente...

Aluna não identificada: De repente, morrer...

Professora: Um acidente, uma coisa, hoje muitos jovens morrem, a pessoa pode morrer de infarto de repente tava bonzinho e pá buff, né!?

Aluna não identificada: É!

Professora: Já tem gente que pode ta doente e ficar bom.

Aluna não identificada: É! Ou então aquela doença que não tinha mais jeito nenhum (*Inaudível*).

Professora: Ah, vocês falam muito bem, se expressam muito bem, agora eu quero ver isso no papel. (Risos) No papel, o que é a morte não chega de véspera? O que isso me diz, qual o verbete desse provérbio, a morte não chega de véspera!

Aluna não identificada: Chega!

Professora: Vamos tentar escrever agora. (Risos).

Nesse diálogo, ao discutir os provérbios, houve a colocação em categorias, segundo o significado do que é aconselhado em cada provérbio e o que objetiva cada provérbio. Assim, os alunos classificaram provérbios que falam de fé, outros que falam de esperança, outros que ressaltam o valor da família, etc. Ainda pudemos verificar nessa transcrição de áudio, a identificação dos verbos nos provérbios.

Ao final do diálogo, houve a escrita de verbete do provérbio “A morte não chega de véspera”, após discussão do referido provérbio.

Realizamos a comparação de dois provérbios, conselho de cada um, o significado de cada um para o dia a dia, leitura e interpretação.

Aqui se percebem, também, algumas características da nossa cultura, em que os alunos perceberam que a linguagem está articulada ao meio social. Na discussão, os alunos compreenderam o caráter social dos provérbios, em que refletiram até mesmo que no Brasil há seus provérbios e em outros países, há outros provérbios, onde cada país tem sua cultura e forma de pensar.

Após discussões e interpretação dos provérbios, atividades de escrita e reescrita dos verbetes, com aprendizagem de ortografia, emprego de letras maiúsculas e minúsculas, organização textual, pontuação, adequação do vocabulário e revisão, o trabalho resultou em um livro intitulado “Nosso Livro de Verbetes dos Provérbios Populares: para pensar os sábios conselhos.” Por fim, os alunos leram as páginas produzidas e publicaram para outros alunos da escola.

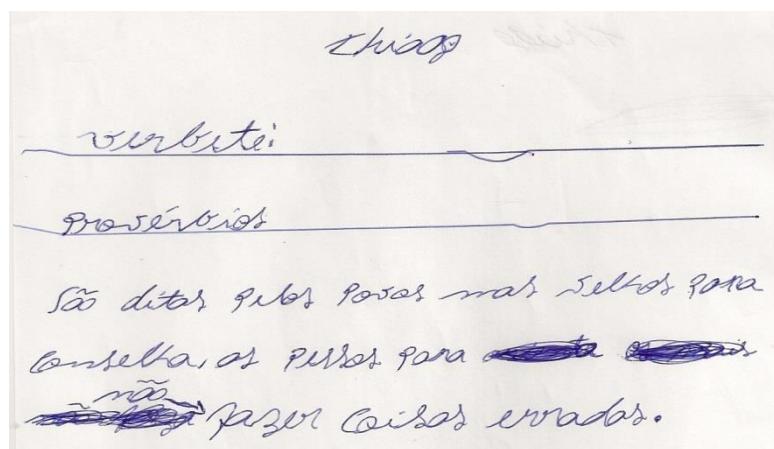
Essa pesquisa possibilitou a leitura e interpretação, já a interpretação possibilitou a escrita de verbetes, a escrita possibilitou a reescrita e a reescrita originou uma nova leitura e novos conhecimentos.

3.9 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DA EJA

O trabalho teve o objetivo de descrever o contexto de produção do processo de escrita do gênero verbete através do desenvolvimento de uma sequência didática. Assim, iremos aqui descrever o trabalho de produção textual, através da sequência didática realizada, com os alunos da EJA. Temos o intuito de apresentar reflexões com foco nas características interacionistas dos gêneros provérbio popular e verbetes para seu uso em sala de aula com alunos da EJA.

Na primeira etapa, quando apresentamos o gênero provérbio, pudemos realizar uma sondagem inicial sobre o que seriam os provérbios para os alunos. Obtivemos, após apresentação e discussão, essas primeiras produções dos alunos, através das atividades escritas:

O aluno “T” escreveu:

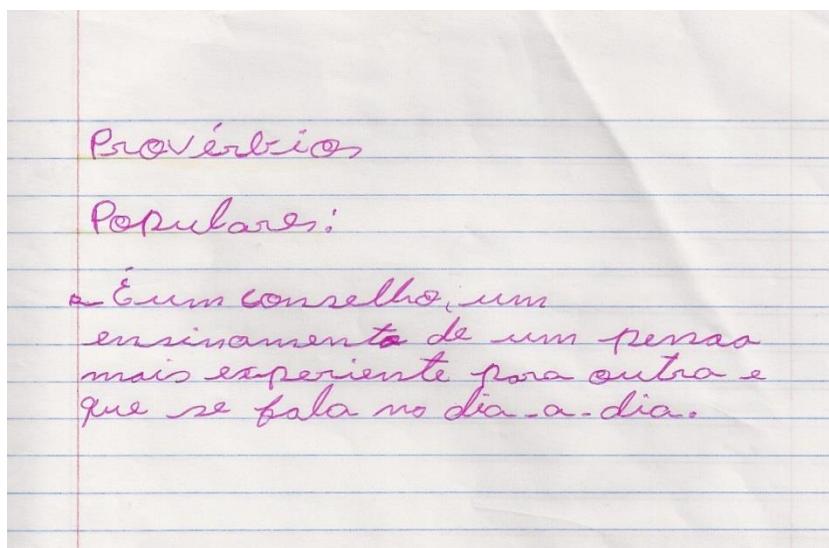


The image shows a piece of white paper with handwritten text in blue ink. At the top, there is a signature that appears to be 'Thiago'. Below it, the word 'verbete' is written in cursive, with a horizontal line underneath. Further down, the word 'provérbios' is written in cursive, also with a horizontal line underneath. At the bottom, there is a block of text that reads: 'São ditar que é boas mas velhos para conselhos os velhos para [redacted] não fazer coisas erradas.' The word 'velhos' is underlined.

Provérbios: são ditos pelos povos mas velhos para aconselhar, as pessoas para não fazer coisas erradas.

Fonte: Produção do aluno

Cada aluno tentou escrever a definição de provérbios. Logo, socializamos os conceitos e definimos um único conceito, articulando as várias ideias, resultando no seguinte conceito:



Provérbios populares: é um conselho, um ensinamento de uma pessoa mais experiente para outra e que se fala no dia-a-dia.

Fonte: Produção do aluno

Os alunos compreenderam, nessa produção de verbete, os aspectos da normatividade. Aos poucos, eles foram adquirindo a prática da escrita formal, em cada verbete que construíram.

Com o levantamento de provérbios, os alunos leram os textos e eles mesmos foram percebendo o que poderia ser considerado provérbio ou ditado popular, uma vez que no levantamento realizado alguns textos correspondiam a ditados populares. Um deles foi o seguinte ditado popular:

O Pau que nasce torto nunca se endireita

"Pau que nasce torto nunca se endireita."

O palquinacitomucasidireta

Fonte: Produção do aluno

Pau que nasce torto nunca se endireita

Fonte: Produção do aluno

No entanto, a aluna percebeu com seus colegas que essa frase era um ditado popular e não um provérbio. Chegamos à conclusão de que os provérbios têm um sentido de aconselhar na tentativa de mudar algo para melhor. A maioria trouxe conselhos de esperança e ânimo diante das dificuldades da vida. O que eles chegaram como resultado, é que a expressão “pau que nasce torto nunca se endireita” sugere a continuação de um problema, pois quem sabe até leva uma pessoa a continuar numa situação ruim. Os alunos foram desenvolvendo a textualidade e discursividade.

Percebemos, logo no início da nossa pesquisa que os alunos adultos conhecem mais os provérbios que os jovens. Os provérbios atraíram mais o interesse dos adultos do que os jovens, embora os jovens tenham passado a conhecê-los, refletir sobre os conselhos e valorizar sua cultura:

Aluna Cristina: Eu nunca escutei esse provérbio.

Professora: Cristina nunca escutou esse, não foi Cristina?! Então Cristina, vamos explicar “pra” Cristina, dona Luiza, em que situação esse provérbio... A senhora que é uma pessoa mais velha, mais experiente, a senhora também já escutou? De grão em grão...

Aluna Dona Luiza: De grão em grão a galinha enche o papo.

Aluna Cristina: Quer dizer o que?

Aluna Dona Luiza: Quer dizer que, quando a pessoa vai na casa de um conhecido ganha um presente.

Professora: Ô, sim e o que é que tem a ver com a galinha e com o grão?

Aluna Dona Luiza: Porque a galinha come o milho!

Aluna Cristina: E a gente ganha presente, né?

Professora: Então assim como a galinha vai enchendo, enchendo...

Aluna Dona Luiza: Sim!

Professora: A pessoa vai... Como a senhora atacou os meus vestidos, né? (Risos) ela faz, me dê esse, me dá aquele, aí me diga, a senhora encheu (*Inaudível*), não foi? (Risos). Gente! E de estudo, e uma situação aqui na sala de aula, se eu falar, gente estudem, persevere até o final do ano, porque de grão em grão a galinha enche o papo.

Aluna Cristina: Eu estudando, estudando, mais e mais eu vou crescer com os meus estudos!

Professora: Isso, de grão em grão cada dia que você vem cansada, de noite... Mas todo dia aprendendo um pouquinho, escrevendo, reescrevendo, arriscando a vida aqui em Mandacaru, não é?!

Aluna Cristina: É!

Professora: A senhora que já tem quase setenta anos. Mas vale a pena, a galinha vai ficar cheia, né?

Aluna não identificada: De grão em grão...

Professora: Vocês vão ficar cheio de conhecimento, né isso?!

Aqui se percebe que a aluna Luiza, uma senhora de setenta anos de idade, tentava explicar o significado do provérbio “Em grão em grão, a galinha enche o papo” para a aluna Cristina, de trinca e dois anos de idade.

Freire (1987, p. 98) diz que é importante enfatizar que o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada

dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. E que investigar o tema gerador é investigar, ele repete, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é a sua práxis.

Contudo, nosso trabalho, teve a princípio, conversas sobre os provérbios, pois consideramos o diálogo e seu caráter libertador, como essencial para investigar o tema gerador.

O diálogo começa na luta do conteúdo pragmático (Freire, 1987). O conteúdo pragmático apontado por Freire se refere à participação do aluno e o pensamento crítico. Ele traz esses conteúdos na forma de temas gerados advindos da realidade, ponto de partida para que o aluno adquira novos conhecimentos. Educação e investigação temática são momentos de um mesmo processo, na concepção problematizadora proposta por Freire. Na alfabetização, a palavra geradora é trabalhada. Já na pós-alfabetização, é o tema gerador que é trabalhado. No nosso trabalho, investigamos, portanto, temas geradores.

Nessa continuação da conversa sobre o provérbio “De grão em grão a galinha enche o papo”, houve a discussão sobre tal provérbio e os alunos chegaram a perceber o significado dele, realizando a interpretação textual. A aluna compreendeu o que significa o provérbio através da interação com outra aluna mais experiente, pois, muitos alunos jovens desconhecem alguns provérbios. A aluna explicou bem, de acordo com o conhecimento de mundo, uma vez que, na Educação de adultos é necessário valorizar o saber que o aluno já traz, para prosseguir com o ensino de linguagem, pois é fundamental o entendimento de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. (FREIRE, 2001). Se a leitura do mundo precede a da palavra, precisamos considerar o conhecimento comum dos nossos alunos, ou seja, a sabedoria popular. No nosso trabalho procuramos valorizar a sabedoria advinda dos provérbios.

Não pudemos afirmar também que todos os alunos obtiveram bom resultado, pois, aluno como esse que tem dificuldade na linguagem, quase não produziu, ele apenas escreveu um único verbete em todo esse tempo e com a ajuda da professora:

Eu só souza
 Provérbio: nem tudo na vida são flores
 Verbete: nem tudo na vida é bom e bonito como as flores
 As flores
 nem tudo na vida é bom e bonito como as flores

Provérlio: nem tudo na vida são flores

Verbete: nem tudo na vida é bom e bonito como as flores.

Fonte: Produção do aluno

Já outra aluna, que tem mais facilidade no ato de escrever, escrevendo uma página inteira, precisou focalizar no que seria um verbete, ao aprender a sintetizar suas ideias. Isso ocorreu com alguns alunos, pois ou eles não escreviam nada, ou escreviam muito e precisaram sintetizar. Vejamos o exemplo de uma primeira e de uma segunda produção:

Primeira produção da aluna:

nome Maria de Souza T. Lima

Escrever
Provérbios
versículos

Para tudo tem um jeito, só
não tem para morte.

Por exemplo a morte é uma
coisa que a gente não entende
de o porque Só Deus, Pode
nós da esta resposta e mais
ninguem

Eu tenho certeza que para
outros objetivos tem jeito
por exemplo como nós que-
remos conseguir um trabalho,
terminar nossos estudos, e dar
continuidade em tudo que
a gente aprendemos em nosso
dia-a-dia devemos seguir em
frente para poder aprender e
passar para as outras
pessoas como os netos e
os bisnetos

Para tudo tem um jeito, só não tem jeito para a morte.

Por exemplo a morte é uma coisa que a gente não entende o porque Só
Deus, pode nos da esta resposta e mais ninguem

Eu tenho certeza que para outros objetivos tem jeito por exemplo assim
como nós queremos conseguir um trabalho terminar, nossos estudos, e dar
continuidade em tudo que a gente aprendemos em nosso dia-a-dia devemos
seguir em frente para poder aprender e passar para as outras pessoas como os
netos e os bisnetos.

Fonte: Produção do aluno

Segunda produção: Síntese da aluna

Significar que para conseguir nossos objetivos devemos seguir em frente, não desistir enquanto tiver vida.

Significar que para conseguir nossos objetivos devemos seguir em frente, não desistir enquanto tiver vida.

Fonte: Produção do aluno

Na primeira produção a aluna exemplifica antes mesmo de conceituar. Com a reescrita, os alunos passaram a compreender que o conceito de um verbete viria antes da exemplificação. A essa capacidade desenvolvida, identificamos como a discursiva.

Consideramos válida a atividade de sintetizar o texto, pois muitas vezes os alunos tiveram dificuldade de expor suas ideias de forma clara e objetiva.

Pudemos perceber que os alunos desenvolveram as capacidades da linguagem ao adquirirem certos conhecimentos nas atividades, como leitura, compreensão, interpretação e produção de texto.

Outro avanço que consideramos na aprendizagem foi que os alunos também puderam realizar, por meio dessas atividades, com provérbios, trabalhos em grupos, uma vez que era de grande dificuldade realizar atividades coletivas. Dessa forma, eles não apenas interagiram com a professora, mas, entre eles, ao produzirem, coletivamente, alguns verbetes, corroborando com o pensamento de Freire sobre a importância da interação no processo de aprendizagem ao dizer que “os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 69).

Já no exemplo abaixo, podemos perceber que o aluno “V” não diferenciava a forma de falar da de escrever, pois ele escreve da mesma maneira como fala:

~~proverbo~~ Devagar se vai ao longe
 - tipo se eu to apaixonado tenho que espera
 que o amor vai chegar. -?
 p tipo, se eu to apaixonado devo continuar devagar
 que se vai ao longe ##

Provérbio- Devagar se vai ao longe

- tipo se eu to apaixonado tenho que espera que o amor vai chegar

Tentativa de reescrita do aluno “V”:

Tipo, se eu to apaixonado devo continuar devagar que se vai ao longe.

Fonte: Produção do aluno

Esse verbete foi reformulado, coletivamente, ao expormos o original escrito da mesma maneira no quadro e reescrevermos coletivamente, após discutirmos sobre como ficaria o verbete. Assim, resultou no seguinte:

Provérbio: “Devagar se vai ao longe”

Verbete escrito coletivamente (após discussão e escolha das palavras):

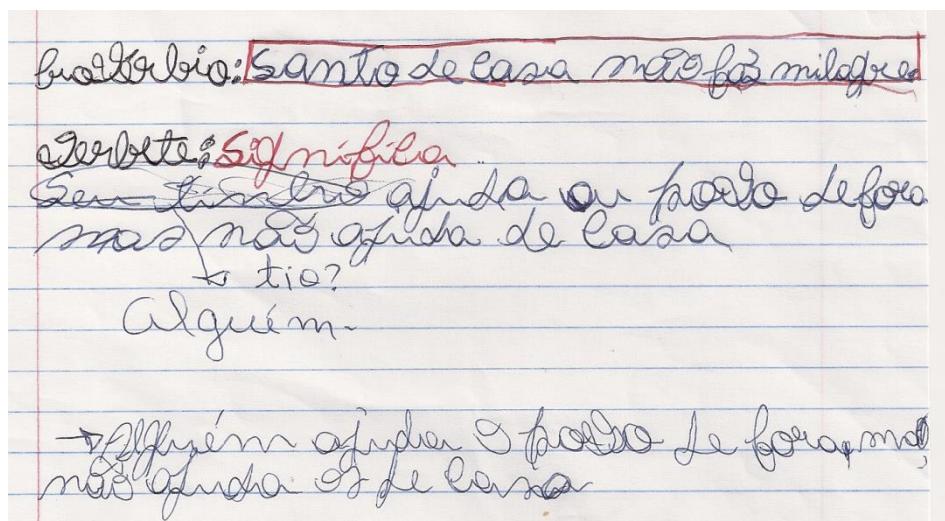
“Devagar se vai ao longe”
 significa um conselho, um lema,
 uma orientação para os
 atrasados, os desorganizados ou
 os estudantes, os que querem
 caras e outros que tentam um
 objetivo. Para conseguir esse
 objetivo temos que ter paciência.

significa um conselho, ou seja, uma orientação para os apressados, os desorganizados ou os estudantes, os que querem casar e outros que tenham um objetivo. Para conseguir esse objetivo temos que ter paciência.

Fonte: Produção do aluno

Foi no ato de reescrever que o aluno foi desenvolvendo a capacidade discursiva e linguístico-discursiva. Os alunos foram avançando na escrita, ao reescreverem verbetes.

Observando alguns verbetes do aluno “M”, percebe-se que ele tenta várias vezes escrever até chegar à reescrita final, o que possibilitou um avanço na aprendizagem escrita do aluno, pois ele estava aprendendo a sintetizar suas ideias:



Provérbio: Santo de casa não faz milagre

Verbete: significa seu tio tinha ajuda ou povo de fora mas não ajuda de casa.

Reescrita final:

Alguém ajuda o povo de fora, mas não ajuda os de casa.

Fonte: Produção do aluno

Provérbio, também do aluno “M”: Quem ama o feio, bonito lhe parece.

Quem ama o feio, bonito lhe parece
 Quem ama ao amar sua mãe e
 sua família e deus e não
 olha cor racial, deficiência insta-
 tura física, mas tem que ver a o que a pessoa
 tem por dentro e a qualidade da pessoa.
 Quem ama sua mãe sua família
 e deus e não olha a cor racial, deficien-
 cia, estatura física, mas ver o que a
 pessoa tem por dentro e a qualidade
 da pessoa, esta pessoa é bonita.

Verbete escrito pelo aluno “M”: Quem ama ao ama sua mãe sua família e adeus e não olha cor raciau deficiência instatura física mais tem que ver a o que a pessoa tem por dentro e a qualidade da pessoa.

Reescrita do aluno “M”: Quem ama sua mãe, sua família, Deus e não olha a cor racial, deficiência, estatura física, mas, ver o que a pessoa tem por dentro e a qualidade da pessoa; esta pessoa é bonita.

Fonte: Produção do aluno

Provérbio para ser interpretado pelo aluno “M”: Cachorro que late não morde.

Escola Municipal Anglo-Brasileira
de Barroso Moreira

Escola Escola, 30 de setembro de 2013

meu nome é Pedro Gomes

o elenco que late não morde
A pessoa que disse vai bater mais
só faz falar o cachorro quando
vem brabo e latido para cima
de você não vem só pra morde

Significa que uma pessoa braba
diz uma coisa mas não faz por exemplo, diz que vai bater mas
não bate parece cachorro brabo
mas que não morde

~~meu~~
*longe de dizer longe de dizer:
longe de pessoa que se amar
que amar os amigos dessa pessoa.

Verbete escrito pelo aluno "M": A pessoa que disse vai bater mais só faz falar o cachorro quando vem brabo e latido para cima de você não vem só pra morde

Reescrita do verbete acima, realizado pelo aluno "M": Significa que uma pessoa braba diz uma coisa mas não faz por exemplo, diz que vai bater mas não bate parece cachorro brabo mas que não morde.

Fonte: Produção do aluno

Ainda, escrita do aluno "M":

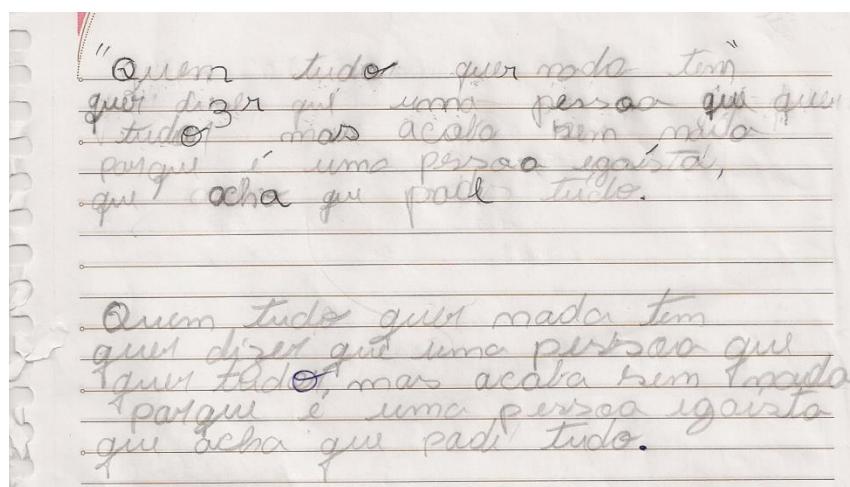
Provérbio: Longe de vista, longe do coração.

Verbete: Longe da pessoa que se ama, se esquece aos poucos dessa pessoa.

Fonte: Produção do aluno

Percebemos que os alunos iam avançando na produção escrita ao compreenderem a infraestrutura geral do texto, ao desenvolverem os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. E foi na reescrita que os alunos passaram a usar esses mecanismos, como a coesão nominal e verbal e a coerência.

Vejamos outros exemplos de reescritas:



quem tudo que nada tem quer dizer que uma pessoa que quer tudo mais acaba sem nada porque é uma pessoa egoísta que acha que podi tudo.

Reescrita: Quem tudo quer nada tem, quer dizer que uma pessoa que quer tudo, mas acaba sem nada porque é uma pessoa egoísta que acha que pode tudo.

Fonte: Produção do aluno

Quem espera Sempre alcança.

Quem espera sempre alcança.

Quem deseja ~~ja~~ realizar seu

Sonho, a compra de ^{um} carro,

~~um~~ apartamento, = uma vagem,

~~que deseja~~ o amor,

antigo que você quer, a ^{reconquistar} casa

na palha; o passeio para ^{um} lugar, ^{onde tem um hotel} fica no oterucico

estrelha cinco estrelas, pode alcançar.

Em ^{espero} muita coisa

a acontecer.

Quem deseja ...

escrita: Que dize realiza o sonho, que compra o carro, o apartamento, o uma vagem que você degesa o amor antigo que você que cosa na palha o passeio para o luga fica no oterucicoestrelha eu espero muita cosa acontece.

Fonte: Produção do aluno

Quem espera Sempre alcança.
 Quem deseja realizar um sonho de compra de um carro, um apartamento, um viagem, um amor antigo que você quer conquistar, uma casa na praia, o parreio para um lugar, onde tem um hotel cinco estrelas, pode alcançar. Eu espero muita coisa acontecer, quem deseja Sempre alcança.

Reescrita:

Quem espera sempre alcança.

Quem deseja realizar um sonho de compra de um carro, um apartamento, uma viagem, o amor antigo que você quer conquistar, uma casa na praia, onde tem um hotel cinco estrelas, pode alcançar. Eu espero muita coisa acontecer, quem deseja sempre alcança.

Fonte: Produção do aluno

Ao escrever um verbete e reescrevê-lo, os alunos iam desenvolvendo as capacidades de ação (quando refletiam sobre a atividade e começavam a produzir), a capacidade discursiva (quando escolhiam os conteúdos a serem escritos e iam organizando os parágrafos) e linguística-discursiva (quando por fim, reescreviam o texto, ao arrumá-lo, utilizando os elementos gramaticais).

No verbete acima percebe-se uma melhoria nas palavras empregadas, onde a aluna ampliou seu vocabulário e passou a desenvolver a capacidade linguística-discursiva através da correção da ortografia, pontuação e no ato da higienização do texto.

Em relação ao contexto de produção, que se trata do conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado (BRONCKART), 2012 [1999]:

- O lugar de produção: a escola
- O momento de produção: um semestre de aulas
- O lugar de produção: a escola
- O emissor (ou produtor, ou locutor): a pessoa (ou a máquina) que produz fisicamente o texto, podendo essa produção ser efetuada na modalidade oral ou escrita: os alunos da EJA, do ciclo II.
- O receptor: a (ou as) pessoa (s) que pode(m) perceber (ou receber) concretamente o texto: os alunos da escola, de outras turmas da EJA.

Como Bronckart discute que a produção de todo texto inscreve-se no quadro das atividades de uma formação social e, mais precisamente, no quadro de uma forma de interação comunicativa que implica o mundo social (normas, valores, regras, etc.), podemos analisar que o contexto cultural interferiu de forma positiva nesse trabalho, tendo a familiaridade dos alunos com o gênero provérbio. Podemos perceber, então que:

- O lugar social foi a escola e a família com quem os alunos compartilharam os livros elaborados.
- A posição social do emissor foi de alunos participantes como autores do livro.
- O objetivo da interação foi o de levar outros alunos e familiares a lerem as suas produções (produções de nossos alunos-autores)

Esse último capítulo apontou para os aspectos metodológicos, abordando o contexto e os sujeitos da pesquisa, a delimitação do corpus, procedimentos metodológicos, os resultados obtidos, a caracterização da escola pesquisada, a sequência realizada e os procedimentos de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é necessário que seja levada em conta a realidade dos alunos, partindo de onde os alunos já sabem para avançarmos em novos conhecimentos. Assim, o trabalho com os provérbios populares possibilitou além da leitura e interpretação desses, a escrita de outro gênero textual: o verbete.

Os alunos realizaram trabalhos individuais e coletivos que, uma vez registrados, foram analisados. Desenvolvemos a linguagem através de atividades para enriquecimento do vocabulário, inicialmente através da elaboração de textos, comunicação verbal, leitura e escrita de provérbios. Essa pesquisa apontou para um trabalho de escrita e não somente para a leitura, pois embora os alunos não tenham produzido os provérbios –uma vez que eles já foram produzidos tradicionalmente- as aulas de leitura requeriam a escrita desses provérbios e foram realizadas atividades como treino ortográfico com a escrita de provérbios e registros de diversos provérbios populares, presentes na cultura dos alunos jovens e adultos. Os alunos partiram para o conhecimento de outro gênero, verbete, tendo a oportunidade de desenvolver a escrita, através dos verbetes dos provérbios.

Observou-se também que os mais jovens desconhecem alguns provérbios, pois são mais falados pelos adultos com maior idade. Assim, o trabalho possibilitou um resgate da cultura para os mais jovens, bem como a troca de conhecimento com os mais velhos. Já com os adultos, observamos que eles se motivaram em pesquisar, registrar, ler e escrever provérbios.

Foi de fundamental importância levar os alunos a interpretar os provérbios. A interpretação desse gênero trouxe um melhor desenvolvimento nas demais atividades, com outros gêneros, pois os alunos aprenderam que não apenas precisam ler certos gêneros textuais, mas interpretá-los, compreendendo assim, o sentido conotativo e denotativo dos fatos. Seu envolvimento com a pesquisa do gênero “provérbio” possibilitou um melhor domínio da leitura e interpretação, bem como a valorização cultural.

A escola atual organiza-se para contemplar a formação global do aluno, tanto no que se refere aos conteúdos formais quanto à formação de cidadão, cabendo ao

educador de jovens e adultos direcionar um trabalho significativo que favoreça o desenvolvimento dos alunos, frente à diversidade. Assim, a Educação de Jovens e Adultos precisa incorporar, em seu currículo, conteúdos significativos que promovam neles o avanço do conhecimento, partindo do que eles já sabem, como diria o renomeado Paulo Freire, ícone da Educação de Jovens e Adultos.

Vimos a importância dos nossos estudos sobre o Interacionismo, sobre a teoria de Vygotsky (1930) e Paulo Freire (1987), uma vez que compreendemos que os alunos interagem com o meio em que estão inseridos. É de fundamental importância a valorização cultural nos conteúdos curriculares da Educação de Jovens e Adultos. Essas teorias influenciaram nossa pesquisa ao averiguarmos que é mesmo a partir da realidade do aluno da EJA, de seu conhecimento comum, que podemos criar situações de novas aprendizagens, como foi a produção de verbetes. Tivemos o conhecimento comum do provérbio, falado no meio deles, como base para interagirmos com eles e propor novas leituras e novas criações textuais.

Cabe a nós, enquanto educadores e pesquisadores sobre leitura, escrita e ensino, promover uma aprendizagem significativa para nossos alunos. Tanto nos Parâmetros da EJA, quanto nos PCN do ensino fundamental, o foco está na interação autor-texto-leitor. Nessa concepção, a leitura é o resultado das construções sociais e o leitor é construtor de sentido.

De fato, a didatização do gênero provérbio popular se beneficiou das contribuições do Interacionismo Sociodiscursivo, de modo a operar mudanças significativas na modalidade de educação de jovens e adultos. O que pudemos até então perceber é que os alunos da EJA se motivaram com o gênero provérbio, uma vez que são falados cotidianamente. Cremos que era isso que Paulo Freire teorizava: ensinar jovens e adultos a partir de suas vivências. Analisamos que os alunos compreenderam a diferença da oralidade e da escrita e ampliaram seus conhecimentos, aprendendo o significado de novas palavras, conhecendo e valorizando o gênero provérbio. A pesquisa motivou novas perspectivas para o trabalho com gêneros em sala de aula, através de novas sequências didáticas a serem elaboradas.

Comprovamos nesse trabalho que a partir de sua realidade cultural e oralidade diária, os alunos podem adquirir novos conhecimentos, como a interpretação e escrita; o gênero oral pôde ocasionar o desenvolvimento de um gênero escrito, através de uma sequência didática que objetivou avançar no nível de

letramento dos alunos; os conhecimentos sobre o interacionismo, advindos da pesquisa, contribuíram para nossa formação docente e a melhoria da educação em língua materna; e ainda, que o trabalho com um texto oral pôde resultar em um texto escrito e os alunos mais jovens, embora respeitem os mais velhos, tem interesses diferenciados como uso do computador, leitura de hipertextos e diversos outros.

Podemos perceber que os alunos avançaram entre a primeira e a última produção. Pois primeiramente eles conceituaram o termo provérbio com dificuldade e já na ultima produção, eles escreviam cada verbete sem medo de errar e reescreviam seus verbetes para serem encaminhados ao livro elaborados por eles. Acreditamos que este projeto contribuiu com a prática na medida em que tornamos o processo de educação, de jovens e adultos, mais prazeroso e condizente com a realidade destes, incentivando-os ao ato de ler e à interpretação, bem como o desenvolvimento da escrita, através da produção escrita de verbetes, para que não apenas permaneçam em seu conhecimento comum, mas avancem para novos conhecimentos.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para nossa prática e que possa trazer uma reflexão acerca de políticas voltadas para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, com a finalidade de proporcionar um ensino de qualidade, significativo e, de fato, inclusivo, para promover uma verdadeira transformação social. Esperamos, também, que nossa pesquisa possa contribuir com outros educadores de Jovens e Adultos.

Consideramos satisfatórias as atividades desenvolvidas com a escrita dos alunos da EJA, que participaram dessa pesquisa. Nosso trabalho possibilitou, a partir da leitura de provérbios, a ampliação do conhecimento comum para um saber sistematizado, através da escrita de verbetes dos próprios provérbios populares, desenvolvendo com esse trabalho, capacidades de linguagem nos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. Editora Cortez, 2011.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil**. Brasília: Líber Livro, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pró-letramento: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental - alfabetização e linguagem**. Brasília, Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental/ Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**.– Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 1999.

_____. **Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: Educ, 2012.

CARVALHO, Bernardina Silva de. (org). **Teia do Saber: saberes que convergem para o eixo complexo de práticas educativas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

_____. **A Educação de Jovens e Adultos no município de João Pessoa: tecendo reflexões**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

COLE, Patrícia Barreto da Silva. **Atividades de escrita e estratégias didáticas: o que prescrevem os livros didáticos de português (LDP)?** In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). **Nas Tilhas do ISD: Práticas de ensino-aprendizagem da escrita**. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 17. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria MasagãoRibeiro; São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

FERRAZ, Mônica Mano Trindade. **A prática de produção textual como um processo contínuo: reflexões sobre avaliação e reescrita**. In: Pereira, Regina Celi Mendes. **Entre Teorias e Práticas: o quê é e como ensinar nas aulas de português**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FIGUEIREDO, Glaucy Ramos. **O gênero proverbial na imprensa: usos e funções retóricas**. Tese (doutorado). Universidade de Pernambuco, CAC. Letras, Recife, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2001.

GOMES, Izaias. **Provérbio Poulares em Cordel**. Parnamirim/RN: Chico Editora, 2012.

GRIZ, Maria das Graças Sobral. **Psicopedagogia: um conhecimento em contínuo processo de construção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência Moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingodore Villaça e Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2014.

LEITE, Evandro Gonçalves. **A produção de Textos em sala de aula: da correção do professor à reescrita do aluno**. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). **Nas Tilhas do ISD: Práticas de ensino-aprendizagem da escrita**. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 17. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. (org.). **Afetividade e Letramento na Educação de Jovens e Adultos- EJA**. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Licínio C. **Educação ao longo da vida: entre a mão direita e a mão esquerda de Miró**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais no Ensino de Língua. In: **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábol Editorial, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. ***Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010.***

PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). **Nas Tilhas do ISD: Práticas de ensino-aprendizagem da escrita.** Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 17. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____ **Entre teorias e práticas: o que e como ensinar nas aulas de português.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente.** Rio de Janeiro, Ediouro, 2009.

PORTE, Márcia. **Mundo das ideias: Um diálogo entre os gêneros textuais.** Curitiba: Aymará, 2009

RODRIGUES, Janete Lins. **Cartilha paraibana: aspectos geo-históricos e folclóricos.** João Pessoa: GRAFSET, 1991.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho (org). **Formação Docente: Contribuições do Ideário de Paulo Freire.** João Pessoa: Sal da Terra, 2006.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Camilo da. **Sabedoria Popular: dicionário de frases, provérbios e ditados populares.** Louveira, SP: Bubok Publishing S.L., 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística.** Tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thais Cristófaro Silva. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

VYGOTSKY, LE SEMIÓNOVITCH. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984 [1930].

_____. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Relógio D`Água Editores, 2007 [1934].

Wikipédia: a encyclopédia livre. **Verbete.** Abril, 2007. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Verbete> Acesso em: 12 ago. 2014.

APÊNDICES**SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA****ÁUDIO COMPLETO**

LIVRO “Nosso Livro de Verbetes de Provérbios Populares: para pensar e viver os sábios conselhos:

APÊNDICE A

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Etapa I: Apresentação da Situação – comunicado para a turma

Objetivos possíveis:

- Possibilitar que os alunos, na busca da criticidade, leiam e interpretem os provérbios, tendo como base a valorização cultural, para que, dessa forma, possam se desenvolver na leitura, interpretação e produção textual, melhorando, assim, sua aprendizagem.
- Levantar um acervo de produções de provérbios populares, pesquisando e compreendendo a funcionalidade do gênero “provérbio”; desenvolvendo o interesse pela leitura e favorecendo o letramento dos nossos alunos.
- Propor uma reflexão sobre uma aprendizagem significativa para a EJA, por meio de uma intervenção interacionista.
- Observar como os alunos compreendem os gêneros, oral e escrito, provérbio e verbete, com foco nas características interacionistas do gênero provérbio popular.

Encaminhamentos:

Apresentação do gênero e informação aos alunos sobre os objetivos da realização das atividades propostas. Discussão sobre a relevância cultural dos provérbios, a identificação dos interlocutores do provérbio (a quem se destinam) e a sua classificação como um gênero oral.

Explicação sobre a origem dos provérbios e o significado de alguns deles. Leitura de provérbios. Escrita do conceito de provérbios. Comparação com outras expressões populares e o gênero *slogan*. Roda de conversa sobre as diferenciações das espécies de gêneros.

Questões orais: Qual o conteúdo de cada um? Qual a diferença da forma escrita dos tipos de gêneros? Qual a função comunicativa de cada gênero?

Debate sobre o gênero provérbio. Pesquisa de provérbios pela vizinhança, familiares e *internet*.

Confecção de cartazes com provérbios pesquisados e exposição para demais turmas. Leitura e interpretação de alguns provérbios pesquisados pelos alunos.

Primeira Produção- conceito de Provérbio

Objetivos possíveis:

- Conhecer o gênero provérbio como instrumento comunicativo.
- Desenvolver a leitura e a oralidade.
- Valorizar as expressões regionais.
- Conhecer novas palavras, que são os sinônimos das palavras utilizadas oralmente pelos alunos.
- Ouvir a professora ler em voz alta para saber mais sobre o tema.
- Expressar sentimentos, ideias, opiniões com base na leitura do texto.
- Familiarizar-se com os provérbios e valorizar a cultura popular.
- Confrontar com os colegas as diferentes interpretações.
- Observar como os alunos interpretam e discutem os provérbios populares.
- Observar como a cultura interfere na sala de aula.

Encaminhamentos:

Participação dos alunos em atividades diversificadas como leitura de cordel com provérbios, utilização do dicionário, cópia de provérbios. Classificação de sentido conotativo e denotativo. Vídeo intitulado “Expressões curiosas de ditos populares”. Retomada do significado de provérbio e a reflexão sobre sua importância cultural. Investigação sobre o gênero e temas relacionados a eles, discussão e interpretação por meio de uma leitura coletiva, com uma roda de conversa. Debate de alguns dos provérbios trazidos pelos alunos e gravação de algumas das nossas conversas.

Leitura de páginas do livro “Sabedoria popular: dicionário de frases, provérbios e ditados populares”.

Treino ortográfico dos provérbios mais conhecidos e pesquisados.

Apresentação do conceito e características de verbete. Cópia de verbetes da palavra “amor” e da sigla “SAMU”.

Conceituação individual de “provérbio”, por meio da elaboração de verbete.

Verbete coletivo da palavra “provérbio”.

Módulos de Estudo com o gênero Verbete

Objetivos Possíveis:

- Analisar os impactos do uso dos provérbios no ensino-aprendizagem da leitura e escrita dos alunos de EJA, ao desenvolver a escrita, através da elaboração de verbetes.
- Avançar para o conhecimento do gênero verbete e suas características, na medida que ocorra a produção escrita.
- Descobrir as diferenciações de diferentes espécies de gêneros apresentados, como provérbio e verbete, por exemplo.
- Distinguir a forma escrita dos diferentes gêneros trabalhados em sala.

Encaminhamentos:

Atividades escritas. Retomada do conceito de “provérbio”. Escrita de verbetes. Correções coletivas. Discussões de mais verbetes produzidos. Reescritas de verbetes elaborados. Produção de verbetes dos provérbios que os alunos queiram colocar no livro deles.

Produção Final - elaboração do livro

Objetivos Possíveis:

- Desenvolver a produção textual através do gênero verbete.
- Verificar como os alunos escrevem e reescrevem os verbetes.

Encaminhamentos:

Verificação da coesão nominal, coesão verbal, conexão, ortografia, pontuação, vocabulário, uso das palavras, construção de sentenças e organização textual. Apresentação estética das produções: “arrumação do texto”, a “higienização textual”. Reescrita do significado dos provérbios, a partir das correções. Aprimoramentos dos verbetes.

Culminância – publicação do livro na escola

Objetivos possíveis:

- Identificar os avanços na produção escrita dos alunos da EJA.

- Garantir a auto-estima dos alunos por meio da valorização do livro produzido por eles.
- Desenvolver trabalhos coletivos.

Encaminhamentos:

Finalização da produção textual, leitura final, encaminhamento das produções para a editora, recebimento dos livros editados, convite aos colegas e professores da escola para a publicação, exposição e autógrafos, avaliação final.

APÊNDICES B

ÁUDIO 01

Professora: A gente vai comentar, o que significa esse provérbio, certo? E aí a gente vai escrevendo nesse cartaz todas as idéias, aí a gente vai fazer dessa vez um único verbete, um coletivo desse daqui. Então, não vai ser como ontem que cada um ficou com um provérbio não, a gente vai escrever só um pra sala toda desse aqui, ta? Então o que é que a gente lê nesse cartaz aí? ... Nesse primeiro?

Aluna não identificada: De grão em grão a galinha enche o papo.

Professora: De o que? De grão em grão...

Alunos: De grão em grão a galinha enche o papo.

Professora: O que significa? Significa, o animal galinha enche o papo, é?

Aluna não identificada: Não!

Professora: Tem dois sentidos, um denotativo e um conotativo. Não é? Tem o sentido que é a galinha mesmo, a galinha enche o papo mesmo de milho em milho, não é? Mas, o provérbio sempre quer dizer um conselho que vocês falaram, não foi? Uma orientação, então quando a pessoa fala de grão em grão a galinha enche o papo, qual é o sentido conotativo? O que é que está por trás disso, da galinha e do milho. O que é quê quer dizer na vida, a vizinhança, o povo fala pra você. Olha...

Fim do áudio 1.

APÊNDICE C

ÁUDIO 02

Aluna “S”:...Eu vou lá, ela dá uma coisa, porque eu peço, toda vez que eu vou lá eu peço uma coisa e ela me dá, ela diz: de grão em grão... Já disse isso pra mim, disse desse jeito, a bichinha, desse jeito de grão em grão a galinha enche o papo.

Professora: A... Então ela é espertinha né? Toda vez que ela vai na casa da tia ganha um presentinho.

Aluna “S”: É!

Professora: Aí, de grão em grão... de presentinho em presentinho, ela vai tendo o que ela quer, ela ta cheia de que de milho, é?

Alunos: Não! Cheia de presentes!

Professora: Nessa situação ela “tá” acumulando os bens pessoais, as coisas... Os presentinhos dela, o que ela deseja, que mais... Outra situação assim que vocês já escutaram isso, alguém mais já escutou?

Aluna Cristina: Eu nunca escutei esse provérbio.

Professora: Cristina nunca escutou esse, não foi Cristina?! Então Cristina, vamos explicar “pra” Cristina, dona Luiza, em que situação esse provérbio... A senhora que é uma pessoa mais velha, mais experiente, a senhora também já escutou? De grão em grão...

Aluna Dona Luiza: De grão em grão a galinha enche o papo.

Aluna Cristina: Quer dizer o que?

Aluna Dona Luiza: Quer dizer que, quando a pessoa vai na casa de um conhecido ganha um presente.

Professora: Ô, sim e o que é que tem a ver com a galinha e com o grão?

Aluna Dona Luiza: Porque a galinha come o milho!

Aluna Cristina: E a gente ganha presente, né?

Professora: Então assim como a galinha vai enchendo, enchendo...

Aluna Dona Luiza: Sim!

Professora: A pessoa vai... Como a senhora atacou os meus vestidos, né? (Risos) ela faz, me dê esse, me dá aquele, aí me diga, a senhora encheu (*Inaudível*), não foi? (Risos). Gente! E de estudo, e uma situação aqui na sala de aula, se eu falar, gente estudem, persevere até o final do ano, porque de grão em grão a galinha enche o papo.

Aluna Cristina: Eu estudando, estudando, mais e mais eu vou crescer com os meus estudos!

Professora: Isso, de grão em grão cada dia que você vem cansada, de noite... Mas todo dia aprendendo um pouquinho, escrevendo escrevendo, reescrevendo, arriscando a vida aqui em Mandacaru, não é?!

Aluna Cristina: É!

Professora: A senhora que já tem quase setenta anos. Mas vale a pena, a galinha vai ficar cheia, né?

Aluna não identificada: De grão em grão...

Professora: Vocês vão ficar cheio de conhecimento, né isso?!

De grão em grão, quer dizer o seguinte...

Aluna Tereza: Ai depois que eu comecei a trabalhar, ai eu peguei tive meu filho, né, aí também fui e tomei conta de... Fui babá, já fiz tudo, já fui tudo na vida de babá, eu não fazia era engomar, porque eu não gosto de engomar, “tudinho”, aí eu resolvi ter meu filho, né! (*Inaudível*)... Não gostava de estudar, com nove anos aí eu...

Fim do Áudio 2

APÊNDICE D

ÁUDIO 03

Aluna Tereza: ...Aí eu disse, eu vou até o fim, enquanto eu não conseguir ler e escrever Jesus... Eu ia na igreja, Jesus eu quero ler e escrever, pra ler a tua palavra, todo domingo quando eu ia nas orações eu pedia Jesus, eu consegui. Estou aqui, “tô” lendo e escrevendo.

Professora: De grão em grão... Consegiu escrever, né? De letrinha em letrinha, perseverou e encheu o papo, conseguiu o conhecimento que é a leitura que ela tanto queria, não era isso? E “tá” aprendendo cada vez mais né, Tereza?

Aluna Tereza: É!

Professora: Muito bem gente significa isso, agora vocês falaram assim, é... Em relação aos presentes, aos estudos, não é?! Então tudo isso, um estudo, um presente, uma coisa que você queira compra aí não tem dinheiro, aí vai juntando de dinheiro em dinheirinho junta, né?! Aí tudo isso é um o... o que? Um obje...

Alunos: Um objetivo!

Professora: Um objetivo, então esse provérbio “tá” se referindo muito a objetivo, né?! Objetivo de vida. Objetivo de... De grão em grão a galinha....e como a gente explica esse provérbio, como é que a gente coloca o verbete sobre ele? De grão em grão a galinha enche o papo, significa, como é que a gente escreve? Significa, tudo isso que a gente falou, com o é que a gente escreve agora? Vamos escrever isso juntos!

Aluno não identificado: Oh, professora!

Professora: Aí a gente vai fazer assim...

Aluno não identificado: Escrever isso aí...?

Professora: Olha só, tente colocar no papel, o que... Isso que a gente acabou de discutir aqui, o que significa de grão em grão a galinha enche o papo e aí a gente vai pegar as idéias de cada um e fazer um só, reescrever, certo?

Aluno não identificado: Agora entendi!

Fim do áudio 3

APÊNDICE E

ÁUDIO 04

Professora: Quem vem primeiro “aqui se faz, aqui se paga” ou “a esperança é última que morre”?

Aluna não identificada: Era pra vim “aqui se faz, aqui se paga”.

Professora: Vamos ver. Aqui é a esperança, quem vem primeiro, minha gente?

Aluna não identificada: A esperança!

Professora: O é ou o que?

Aluno não identificada: O é!

Professora: O é! Então, quem vem primeiro é a esperança é a última que morre, né?!

Aluna não identificada: É, é pra colocar nessa folha?

Professora: Isso!

Aluna não identificada: Atrás, né?!

Professora :Ai, vocês vão colocar primeiro a esperança...

Aluna não identificada: É última que...

Professora: ... É a última que morre. Escrevam ai, bem bonito. ...é a última que morre. Ai, depois que vocês vão colocar, aqui se faz, aqui se paga, né isso?! Então, vamos colocar os Provérbios na ordem alfabética. O que significa, a esperança é a última que morre? É bem conhecido esse Provérbio.

Aluna não identificada: É a pessoa ter esperança e nunca, assim, perder a fé de sempre... De ter esperança. Porque se a gente não ter esperança, como é que a gente vai viver, sem esperança.

Professora: A esperança não pode morrer, se morrer a esperança acaba tudo, né?!

Aluna não identificada: É, porque se a gente...

Professora: Tem que ser a última. Pode ficar com os problemas, desanimar...

Aluna não identificada: ...Mesmo assim tem ...

Professora: ... Tem que ter alegria, pode até ficar triste, mas tem que ter esperança de que tudo vai mudar.

Aluna não identificada: Agora se não tiver esperança, nunca vai vencer.

Professora: Então, quando fala que ela tem que ser a última, é porque ela não pode morrer, né, não pode morrer os sonhos, não é isso?! E o que é que significa, aqui se faz, aqui se paga? Outra pessoa, porque Ray já falou, né, Ray?! Essas meninas também, né?! (risos) Tudo é Ray, quem fala.

Aluna não identificada: Aqui se faz, aqui se paga, é a pessoa que fez mal ao outro, lá na frente vai receber a mesma coisa, ou, talvez, até pior.

Professora: Muito bem, gente.

Aluna Ray: É um aperreio. Você faz sempre as coisas para as outras pessoas, deixa de fazer as suas coisas. Ai, por isso que tem gente que diz assim: Ah, você está com a calça rasgada. Ai, você conserta a roupa dos outros e não conserta a sua. Ai, o povo diz: Ah, Casa de ferreiro, espeto é...

Professora: Pronto! Ela já pegou o contexto da própria vida dela, porque ela é costureira, né?! Exemplo de Ray, ela faz para os outros direto. Trabalha direto, casa de ferreiro, né? Casa de costura, mas no caso, casa de ferreiro pode ter um espeto de pau, no caso, assim, não é de ferro é de pau. As roupas dela pode não ser bem costuradas, só para os outros de fora, né, Ray?!

Aluna Ray: Costumo dizer isso para o meu marido, porque ele é Montador, ai, lá fora ele faz tudo e em casa... (inaudível).

Professora: Então, esse provérbio daí tá muito parecido com aquele santo de casa, não faz milagre, não é isso?! Ai, já pra sua casa você faz, alguém da família, é, aliás, alguém da família não faz pra alguém de casa, mas faz pra alguém de fora, não é?!

Aluna Ray: É!

Professora: Então, tem alguns que estão nessa categoria, de família, uns se aplicam a marido, outros, a esperança, não é?! Tem uns lá, que as meninas na minha sala meteram o pau no marido, aquele, quem com ferro fere, com ferro será ferido, ai, tudo se aplicou pra marido, não é?! E tem algum provérbio com a letra d?

Aluno não identificada: Não.

Professora: Não! Então, qual é a próxima letra?

Alunos: E!

Professora: E!

Aluna não identificada: Espelho de... Como é? Espere sentado que em pé cansa e tem esse também. É melhor prevenir do que remediar.

Professora: Pronto. Tem dois. Ai... O acento não influência, tudo é, é. Certo? Ai, quem vem primeiro, m de melhor ou s, juntinho do espere?

Aluno não identificada: ...É melhor prevenir do...

Professora: Isso! Então primeiro, é melhor prevenir do que remediar, ai depois, espere deitado que em pé cansa. Mas, ai, olha só, é melhor prevenir do que remediar, quer dizer o quê? Quando a gente fala remediar, a gente lembra de quê? Re... Que fica doente.

Aluna não identificada: Remédio.

Professora A gente toma o quê? Remédio.

Aluna não identificada: Remédio!

Professora: Então, é melhor tomar uma vitamina para a gripe, laranja, suco de laranja, do que ficar com gripe, né?! Mas isso ai, é melhor prevenir do que remediar, quer dizer só isso, sobre saúde, ou por trás está dizendo outra coisa? Tá dizendo o quê? Em que situação se aplica isso, é melhor prevenir do que remediar?

Aluna não identificada: No bolso da gente.

Professora: No bolso. Muito bem. No dinheiro.

Aluna não identificada: No orçamento...

Professora: É melhor...

Aluna não identificada: ...Economizar...

Professora: ...Prevenir, economizar, do que, quando precisar, não é?!...

Aluna não identificada: Não ter né! É tipo quando uma pessoa quer fazer alguma coisa, ai diz, é melhor prevenir antes de fazer, para depois não acontecer outras coisas.

Professora: Pronto. Nessa situação também, isso! E, até Dona Lourdes falou assim, lá, ai ela disse assim, por exemplo, é melhor você trocar o gás, do que chegar no domingo você não ter onde..., então, é melhor prevenir do que remediar, né?! Não é melhor do que ficar doente, acontecer alguma coisa ruim, precisar de um remédio, né?! Ou, nessas situações, faltar um dinheiro, não é?! Gente, qual é o provérbio, ai, que tem letra f? Não tem, né?!

Aluna não identificada: Não tem.

Professora: Nem g?!

Aluna não identificada: Não!(inaudível).

Professora: H, I... (*inaudível*) Com q tem vários provérbios, porque muitos começam com, quem. Quem faz isso, vai acontecer isso, quem faz isso, vai acontecer isso. Então, tem dois, quem com ferro fere, com ferro será ferido e quem diz o que quer ouve o que não quer.

Aluna não identificada: É o primeiro de baixo.

Aluna não identificada II: Acho que é o primeiro.

Aluna não identificada: Quem diz o que quer...

Aluna não identificada II: Com ferro fere, com ferro será ferido.

Professora: Olha, até aqui “tá” tudo igual, quem', né, Leninha?! 'Quem com... ou quem diz..., quem vem primeiro, c ou d'?

Aluna não identificada: C!

Professora: Pronto. Então, é, quem com ferro..., esse ferro, ai, quem com ferro fere..., esse ferro, quer dizer o ferro de passar roupa, é?

Aluna não identificada: É assim... Quem com ferro fere..., pode ser assim... Você faz alguma coisa ruim com a pessoa, ai, você não “tá” pensando que aquele mal que você “tá” fazendo com aquela passa não vem pra você. Ai quer dizer isso.

Professora: Pode ter até a comparação com o ferro mesmo. O ferro não é uma coisa muito boa não, né?! Pegar um ferro quente, machuca, não machuca? Mas, o que “tá” por trás desse ferro, desse sentido denotativo? Qual o sentido conotativo que “tá” por trás disso? Não quer dizer o ferro, mesmo, não né?! Eletrodoméstico, de casa. “Tá” dizendo sentimentos, ferir o outro, não é?! (*inaudível*). Se você fala mal com alguém, alguém pode falar mal com você.

Aluna não identificada: Ai você “tá” sendo... Você “tá” provando do seu próprio veneno.

Professora: E “tá” muito naquele sentido, também, quem planta, colhe, não é?! Então o conselho de que, não faça o mal pro outro, porque esse mal pode voltar para você, não é? E, quem diz o que quer ouve o que não quer, por coincidência “tá” no mesmo sentido, também, não machuque as pessoas, mas, aí, no caso, com a, o quê? Palavra, não é?! Não diga tudo, né?

Aluna não identificada: Porque, senão vai ouvir também.

Professora: Senão vai ouvir também, não é isso?! Tudo na vida passa pelo sentido, para tudo tem um jeito, só não tem jeito para a morte, tudo na vida passa, as besteiras, não é?!, As coisas materiais... O que importa mesmo são as coisas

espirituais, o amor que não morre. Então, gente, quando a gente fala provérbios, a gente quer dizer um conselho pra alguém, né?! E, aí, a gente vai procurar os verbos desses provérbios. Oh, a morte não chega de véspera, né? O que significa, a morte não chega de véspera?

Aluna não identificada: De Véspera? (*Inaudível*) (Risos).

Professora: A gente fala hoje é véspera de natal, é um dia antes do...?

Alunos: Natal!

Professora: Então a morte não chega um dia antes, vamos dizer assim...

Aluna não identificada: É, ela só chega no dia né!

Professora: Só chega no dia mesmo, né!

Aluna não identificada: Chega o dia, é ali naquele dia e pronto, vai esperar por outro dia não. (Risos)

Professora: Você pode até ter um aviso, não é! Amanhã não haverá aula, né, na véspera, mas você vai saber que você vai morrer amanhã? (Risos) não né!? Ninguém sabe o dia da sua... (Risos).

Aluna não identificada: Deus proverá!

Professora: Deus proverá, tenha fé em Deus, tem também um certo consolo aí nesse provérbio, vocês não disseram que é conselho e uma orientação, ela aconselha assim, olha calma também né, a morte... não precisa ficar ansioso, no dia que chegar chegou, né não!? (Risos). Mas também é um conselho, assim (*Inaudível*) quando diz assim, a morte não chega de véspera, esses meninos aqui que estão em Mandacaru só vive se drogando direto, não é!? É... pega fica por aí, correndo de moto e tudo né, tem uns, então... Ele dá conselho pro bem, né!? A morte não chega de véspera, cuide da sua vida né, da sua vida... Porque tudo vai passar, então cuide da sua vida espiritual, tudo isso, né!?

É porque a morte ela chega rápida, né, quando você ta doente, aquela doença que você... Que a pessoa sabe que não vai ter cura, aí ali você sabe que a qualquer momento você pode morrer né!? Mas aquela pessoa cheia de saúde, cheia de vida e de repente o povo, fulano morreu.

Professora: É!

Aluna não identificada: Né!

Professora: Acontece isso também né!

Aluna não identificada: É muita vezes, acaba acontecendo... Muitos jovens...

Professora: Pode morrer de repente...

Aluna não identificada: De repente, morrer...

Professora: Um acidente, uma coisa, hoje muitos jovens morrem, a pessoa pode morrer de infarto de repente tava bonzinho e pá buff, né!?

Aluna não identificada: É!

Professora: Já tem gente que pode ta doente e ficar bom.

Aluna não identificada: É! Ou então aquela doença que não tinha mais jeito nenhum (*Inaudível*).

Professora: Ah, vocês falam muito bem, se expressam muito bem, agora eu quero ver isso no papel. (Risos) No papel, o que é a morte não chega de véspera? O que isso me diz, qual o verbete desse provérbio, a morte não chega de véspera!

Aluna não identificada: Chega!

Professora: Vamos tentar escrever agora. (Risos).

Fim do áudio 4.

APÊNDICE F

ÁUDIO 05

Professora: Oh, temos dois provérbios aqui, vamos ler esse primeiro. Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje, a gente até comentou em outras atividades.

Aluna não identificado: Isso aconteceu comigo essa semana.

Professora: Foi? Eu me lembro! Oh, vamos ouvir Lúcia minha gente, diga Lúcia!

Aluna não identificado: Eu “tô” esquecida, mas já que eu falei...fui fazer, foi pior.

Professora: Engraçado, eu também “tô” sempre lembrando desses conselhos no dia a dia. Ta sendo bom pra muita gente, né! Teve um dia também que eu estava ansiosa, aí eu pensei assim, não! Calma que vai dar tudo certo, né!. Porque todos que a gente colocou tem uma orientação, tem um conselho, tem uma coisa boa que essa sabedoria de vocês passa tudo pra mim, né!? Tudo vai dar certo, provérbio de esperança, provérbio de... Se aplica no nosso dia a dia, não é!? Volta pro nosso dia a dia.

Aluna não identificado: Faz parte dele!

Fim do áudio

APÊNDICE G

ÁUDIO 06

Professora:...Não precisa copiar esse verbete, Erick quem copiou. Copiou não é, Erick?

Aluno Erick:*(Inaudível)*.

Professora:Me dá a... Que eu quero levar pra eu tirar uma dúvida.

Aluna não identificada: A letra dele é *(inaudível)*...

Professora: Mas ele está melhorando, porque ele escrevia tudo junto.

Aluna não identificada: Tem um defeito no quadro, né?

Professora: O rapaz... *(Inaudível)* mas eu entendo aqui, valeu Erick, então olhando isso aqui, não copia não. No momento a gente só leu e interpretou, né! Esse aqui já fala que... Aí Dona Luiza, a gente leu, a pressa é inimiga do que?

Alunos: ...Da perfeição!

Professora: Quer dizer que a pressa ela fica de mal é?

Aluna não identificada: Da perfeição?

Professora: Não, né! É inimiga da perfeição nesse sentido que a gente comentou né? Então temos uma lista aí que passou pela sala pra gente perceber que quando a gente ler, além da gente ler a gente tem que entender. Agora os provérbios a gente só... Né difícil de entender se fosse um americano? Que viesse... *(Inaudível)*

Professora: Sim, deixa eu explicar um negócio pro senhor. Por quem tem dia que vem ela, tem dia que vem eu... *(Inaudível)*. Olha, é... Se fosse um americano, talvez não entendesse isso, porque ia traduzir a pé da letra e aí a gente aplica muitos provérbios pra nós brasileiros, por isso que ele é popular, a gente que fala. Porque eles têm outros provérbios, coisas que a gente não entende.

Aluna não identificada:*(Inaudível)*.

Professora: É, eles podem até ter uns parecidos, mas assim os da gente... Quando a gente fala de: grão em grão a galinha enche o papo. Isso é coisa nossa que, que dizer que dar pra fazer “devagarinho”, né (*Inaudível*) agora lá na África, talvez ele tenha esse provérbio para elefante, a gente vai botar um provérbio de elefante? É normal a gente ver um elefante andando aí na rua? Não, mas o boi é normal? É, aí a gente já coloca qual, não coloque a carroça na frente dos bois. Então muitas coisas são nossas, né verdade? Agora é... É porque assim... o bom mesmo era.

Fim do áudio.

ANEXOS

AUTORES: ALUNOS DO CICLO II – B - EJA DA ESCOLA MAJOR
JOSÉ DE BARROS MOREIRA:

Cristina, Joelma, Lourdes, Lúcia, Luíza, Sheila, Tereza,

Edson, Erick, José, Fernandes,

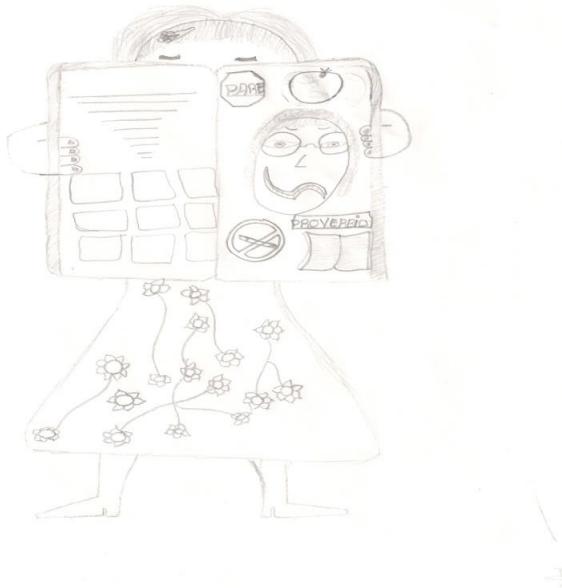
Murilo e Thiago.

Vinicius e Marcelo (ilustrações)

Professora Ana Lidia Freire Matias (organizadora)

Regina Celi Mendes Pereira (revisão)

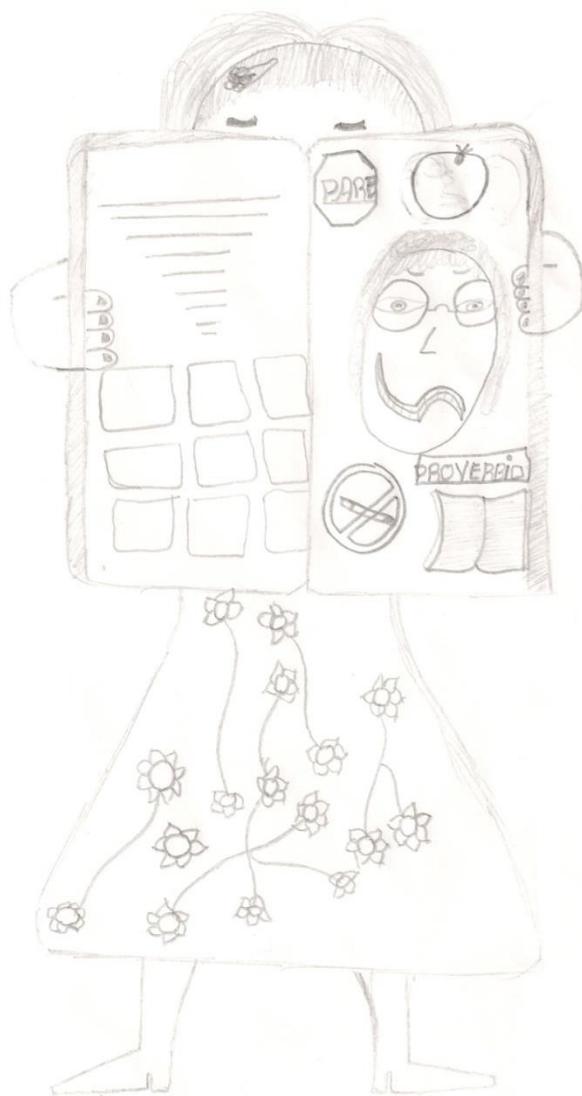
Nosso Livro de Verbetes de Provérbios Populares: para pensar e viver os sábios conselhos.



João Pessoa, JP

2013

Nosso Livro de Verbetes de Provérbios Populares: para pensar e viver os sábios conselhos.



DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho ao eterno professor da Educação de Jovens e Adultos, Paulo Freire, *in memoriam*.

“É preciso respeitar os saberes dos alunos.”

AGRADECIMENTOS

À nossa diretora da EJA, Fátima Urbano, por acreditar no nosso trabalho;

À nossa professora por ter nos auxiliado na produção desse livro;

Aos nossos familiares que estão sempre torcendo pelos nossos estudos;

À turma do ciclo II- A, por ter participado conosco na produção desse material. Em especial, à professora Vanessa por ter colaborado conosco, abrindo literalmente as portas.

A todos os nossos colegas da nossa grande família “Escola Major José de Barros Moreira”, a quem direcionamos esse simples livro para leitura e resgate da nossa cultura popular.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 6 |
| PARTE I: O QUE É ROVÉRBIO?..... | 7 |
| PARTE II: O QUE É VERBETE?..... | 8 |
| PARTE III: VERBETES DOS PROVÉRBIOS POPULARES NA ORDEM ALFABÉTICA..... | 9 |
| REFERÊNCIAS | 25 |
| ANEXOS..... | 26 |

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino do nosso país que é destinada a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental ou Médio na idade apropriada.

A EJA se divide nas seguintes turmas: alfabetização, ciclo I e II (fundamental I) e ciclo III e IV (fundamental II).

Paulo Freire, o maior professor que a EJA já teve, disse é que a partir dos conhecimentos comuns do dia a dia que os alunos aprendem novos conhecimentos.

Dentre as disciplinas que estudamos na EJA, a Língua Portuguesa nos permitiu escolher o gênero provérbio popular para aprendermos a ler, interpretar e ainda escrever os verbetes dos provérbios.

A escrita dos verbetes, que se encontram na ordem do alfabeto, foi realizada pelos alunos e trabalhada com a ajuda da professora, ao fazermos juntos a reescrita, avançando assim na nossa aprendizagem.

Esperamos que esse livro seja algo precioso e que se torne um arquivo na nossa biblioteca, lido e interpretado por todos os alunos da escola José de Barros, com a finalidade de preservarmos a nossa cultura.

Esperamos ainda que esse material possa auxiliar os professores da EJA, bem como servir para provocar novas práticas de ensino-aprendizagem.

Boa leitura para todos!

PARTE I - O QUE É PROVÉRBIO?

Provérbio (popular) é um conselho, um ensinamento de uma pessoa mais experiente para outra e que se fala no dia a dia.



PARTE II - O QUE É VERBETE?

Verbete é um texto escrito que se destina a explicar um conceito.



PARTE III: VERBETES DOS PROVÉRBIOS POPULARES NA ORDEM ALFABÉTICA.

A

A esperança é a última que morre: temos que esperar as coisas que agente quer conseguir.

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: se uma pessoa quer uma coisa tem que insistir até conseguir.

A mentira tem perna curta: afirmação contrária à verdade, falsidade. O sujeito pode mentir por muitos anos, mas um dia a mentira será descoberta.

A morte não chega de véspera: a morte só chega na hora certa, não antes nem depois, ela não tem dia nem hora pra chegar.

A pressa é a inimiga da perfeição: a pessoa não vai conseguir chegar ao seu objetivo desejado com pressa. Para chegar onde quer é preciso ter paciência.

Aqui se faz aqui se paga: se você faz um mal para alguma pessoa, vai pagar com o mesmo mal.

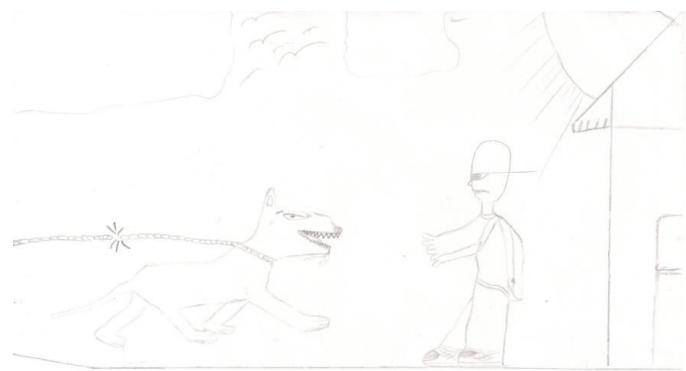
B

Boca fechada não entra mosquito: quem fala demais pode se engasgar com as palavras.



C

Cachorro que late não morde: uma pessoa braba diz uma coisa, mas não faz. Por exemplo, diz que vai bater, mas não bate. Parece cachorro brabo, mas não morde.



D

De grão em grão a galinha enche o papo: aos poucos, podemos conseguir nossos objetivos.

Deus ajuda quem cedo madruga: quem se levanta cedo para trabalhar, Deus dá coragem, força, disposição e saúde. Nós fazemos nossa parte e Deus faz a parte dele.

Devagar se vai ao longe: significa um conselho, ou seja, uma orientação para os apressados, os desorganizados ou os estudantes, os que querem casar e outros que tenham um objetivo. Para conseguir esse objetivo temos que ter paciência.

E

É melhor prevenir do que remediar: guardar dinheiro para uma necessidade ou evitar algum problema. Resolver os problemas antes que eles se agravem. Por exemplo, é melhor abastecer o gás da cozinha, em dia de semana, do que quando precisar, num domingo, não ter como comprar.

Em briga de marido e mulher não se mete a colher: marido e mulher brigam, mas depois se entendem. É melhor não se intrometer entre eles para que eles também não venham a brigar com você!

F

Faça o bem sem olhar a quem: ajudar o outro independente de quem seja, pobre, rico, gordo, magro, pois agente não sabe o dia de amanhã. Hoje agente ajuda, amanhã seremos ajudados.



G

Gato escaldado tem medo de água fria: quem já sofreu e sentiu na pele está preparado para não deixar que aconteça o que aconteceu porque é vivendo que se aprende. A vida é um livro aberto e ensina a quem não sabe viver.

H

Há males que vem por bem: as coisas ruins da vida podem nos ensinar coisas boas.

I

Impossível é achar agulha no palheiro: é impossível encontrar uma agulha numa porção de palha, mas, muitas outras coisas da vida são possíveis.

**J**

Junte-se aos bons e serás como eles, junte-se aos maus e serás pior do que eles! Quem anda com pessoas boas se torna boa, quem anda com pessoas más podem se tornar até pior.

L

Longe de vista, longe do coração: longe da pessoa que se ama, se esquece aos poucos dessa pessoa.

M

Mais vale um pássaro na mão do que dois voando: é melhor ter pouco do que não ter nada, pois quem muito quer, nada tem. Por exemplo, é melhor ter um trabalho certo que ganhe pouco do que ir a procura de outro que ganha mais e não seja valorizado, pois termina não ficando e vai terminar sem nada. Quem deixa o que tem, termina perdendo tudo. Nunca solte o que é certo pelo duvidoso! Lute! Senão perde tudo, aí é pior.

N

Nem tudo na vida são flores: nem tudo na vida é bom e bonito como as flores.



Nunca deixe para amanhã o que você pode fazer hoje: amanhã pode ser tarde para fazer alguma coisa importante que deve ser feita hoje.

O

Onde há fumaça há fogo: onde tem algum sinal de perigo pode ter um grande problema.



P

Pra tudo tem um jeito, só não tem jeito para a morte: para conseguir nossos objetivos devemos seguir em frente, não desistir enquanto tiver vida.

Q

Quando um não quer dois não brigam: quando tiver uma briga entre duas pessoas, se um dos dois se calar, a briga acaba.

Quem ama o feio bonito é: a pessoa bonita ama sua mãe, sua família, Deus e não olha a cor racial, deficiência, estatura física, mas vê o que a pessoa tem por dentro e a qualidade da pessoa.

Quem casa quer casa: a pessoa que vai casar deve ter uma casa para não ir morar na casa da sogra e ter confusão.

Quem com ferro fere, com o ferro será ferido: se uma pessoa maltratar alguém, também será maltratada.

Quem diz o que quer, ouve o que não quer: falar mal dos outros, levantar falso e não respeitar, fazer brincadeira de mau gosto pode ser perigoso pois pode-se ouvir o que não quer também.

Quem espera, sempre alcança: quem deseja realizar um sonho de comprar um carro, um apartamento, uma viagem, uma casa na praia, um passeio a um lugar onde tem hotel cinco estrelas, ou a conquista de um amor antigo, pode alcançar. Espere acontecer! Quem deseja, alcança.

Quem tem boca vai a Roma: perguntar, descobrir, saber o significado das coisas, aprender, ensinar, ajudar, orientar, mostrar, conquistar, prosseguir, caminhar, lutar pelos seus objetivos e não desistir, ir em frente até o fim.

Quem tudo quer nada tem: uma pessoa que quer tudo pode acabar sem nada porque é uma pessoa egoísta, que acha que pode tudo.

R

Roupa suja se lava em casa: os problemas de casa devem ser resolvidos em casa mesmo.



S

Santo de casa não faz milagre: alguém ajuda o povo de fora, mas, não ajuda os de casa

T

Tudo na vida passa: as coisas materiais ou ruins passam, mas, a felicidade e o amor devem permanecer.

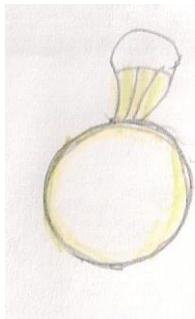
U

Um homem prevenido vale por dois: o homem prevenido é aquele que tem sabedoria e pode ajudar mais do que dois homens sem sabedoria.

V

Vão-se os anéis, ficam os dedos: quando perdemos alguma coisa material temos que pensar que o mais importante é não perder a nossa vida.

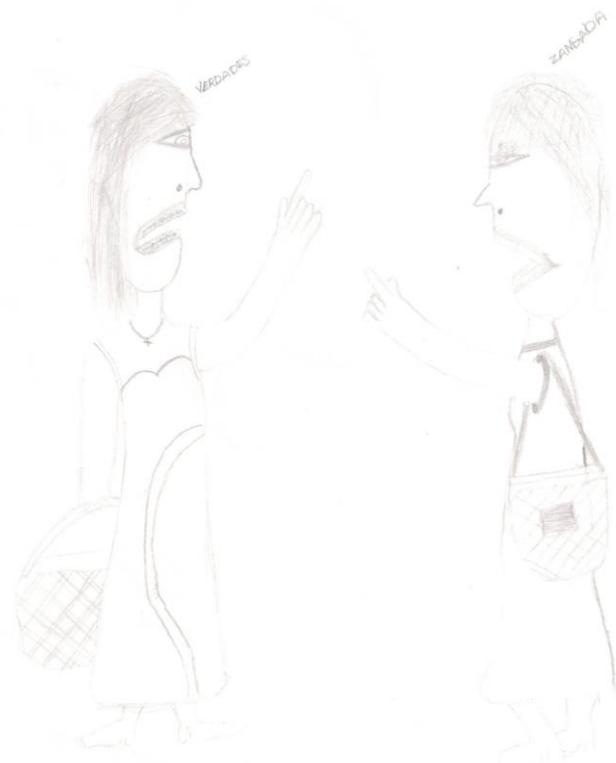




X (não lembramos nem encontramos provérbio com a letra “X”. Caro leitor, você conhece algum?)

Z

Zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades: se algum dia uma amiga brigar com a outra, ela conta o segredo da amiga.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental/ Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.**— Brasília: MEC/SEF, 1997.

Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria MasagãoRibeiro; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

RODRIGUES, Janete Lins. **Cartilha paraibana:** aspectos geo-históricos e folclóricos. João Pessoa, GRAFSET, 1991.

SILVA, Ezequiel Camilo da. **Saberdoria Popular: dicionário de frases, provérbios e ditados populares.** Louveira, SP: Bubok Publishing S.L., 2012.

ANEXOS



ALUNOS DO CICLO II - B



PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO CICLO II – A







